PUC RIO

ELISA MARIA ANTONIA SCHUCH WOODS

UM ESTUDO SOBRE O RECASAMENTO NO BRASIL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

18 de agosto de 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 W894 TESE UC
Título Um estudo sobre o recasamento no Brasil
Ex.1 PUCB
0024084

ELISA MARIA ANTONIA SCHUCH WOODS

UM ESTUDO SOBRE O RECASAMENTO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Terezinha Féres Carneiro

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1987

UC-00014651-6

UNIVERSIDADE CATÓLICA
2870
BIBLIOTECA
24/09/87
2 ex

150
W894
TESE UC

Ao Dougie, companheiro de vida, que sempre me incentivou a crescer, e fez brotar em mim a idéia deste estudo.

Aos nossos filhos Colin, Ian, Siobhan, Michael e Andrew, que ainda não nasceu, mas já existe em mim. Eles não são todos meus filhos...mas são todos meus filhos.

Meus agradecimentos,

- às pessoas entrevistadas, cuja participação e abertura tornaram este trabalho realidade.

- à Profa. Monique Augras, pelo grau de "subversão científica" recebido, e que considero o que de mais valioso aprendi em minha vida acadêmica. Agradeço também sua sempre presente boa vontade em nos transmitir seus conhecimentos e sabedoria.

- à Profa. Terezinha Féres Carneiro, por sua orientação e confiança depositada.

- à Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa, por seus comentários e sugestões ao trabalho.

- à CAPES e PUC/RJ, pela ajuda financeira recebida durante o curso.

Resumo

O aumento do número de recasamentos e a falta de material a respeito foram os motivos da realização desse estudo, que busca aprofundar o conhecimento sobre o recasamento no Brasil, a partir do ponto de vista do casal recasado.

O trabalho de campo realizou-se de janeiro a julho de 1987, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, quando foram entrevistados seis casais e cinco mulheres recasadas pertencentes à classe média.Todas as famílias tinham filhos de casamentos anteriores.

Utilizou-se na pesquisa o método biográfico - história de vida - por sua adequação a um grupo típico de pessoas, e por permitir que os próprios entrevistados delimitassem os temas mais emergentes.

A fundamentação teórica baseou-se na Teoria Geral de Sistemas, que permite olhar a família como um sistema aberto e sua relação com outros sistemas, e introduz conceitos sobre interdependência entre sistemas e subsistemas, limites e equilibrio familiar.

Como resultado mais imediato da análise dos dados coletados, concluiu-se que os laços de ligação entre a família recasada e a família nuclear devem ser mantidos ao mínimo para que o recasamento seja uma união satisfatória para ambos os parceiros. A comunicação dentro dos subsistemas família nuclear e família recasada é importante, porém não entre esses dois sistemas. A relação do casal recasado é bem mais aberta que a de um primeiro casamento, e se baseia mais na realidade. As pessoas se esforçam mais, tentam compreender melhor o parceiro e procuram ser mais pacientes. Os filhos são o que mais pesa no recasamento, sendo sua aceitação da madrasta ou padrasto influenciada diretamente pela atitude do pai e da mãe. A atuação psicoprofilática ao nível de casal é importante para a clarificação das dificuldades a serem vivenciadas no recasamento.

Abstract

The increase in the number of remarriages and the lack of information and material on this subject were the reasons for this study being carried out. In this paper we attempt to improve and widen our knowledge of remarriage in Brazil as seen from the remarried couples point-of-view.

The field work was carried out in Rio de Janeiro and São Paulo from January to July 1987. During this period six remarried couples and five remarried women, all middle class, were interviewed. The families all had children of previous marriages.

The Biographical method - life history - was used in the study as this was considered the most appropriate to a specific group of people, and also as it allowed the actual people being interviewed to determine the limits or the extent to which the most important themes were discussed.

The underlying theory was based on the General Systems Theory, which allows us to look at the family as an open system and its relationship with other systems. At the same time it introduces other concepts such as the interdependence between systems and subsystems and the limits and equilibrium of the family.

The first conclusion arrived at as a result of the analysis of the data collected was that the ties between the remarried family and the nuclear family should be kept to a minimum in order that the remarriage should be a satisfactory union for both partners. The communication within the subsystems of nuclear family and remarried family is important, however, not between the two systems. The remarried couple relationship is much more open and based much more on reality than that of the first marriage. The individuals try harder, try to understand their partner better and try to be more patient. The children carry much more weight in the remarriage, and their acceptance of the stepfather and stepmother is directly influenced by the mother and the father. The need for preventive therapy for the remarrying couple is important to clarify the difficulties that will be encountered in a remarriage.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO 1

2 - O MODELO SISTÊMICO 9

3 - DIVÓRCIO E RECASAMENTO NO BRASIL 15

4 - UM TRABALHO DE CAMPO 20

4.1 - Caracterização dos Sujeitos e Procedimentos 20

4.2 - Descrição dos Dados Obtidos nas Entrevistas 34

4.3 - Análise e Discussão dos Dados 70

5 - CONCLUSÃO 93

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 100

7 - ANEXOS: Descrição Detalhada da Constituição de Cada Família 102

1 - INTRODUÇÃO

A realização de um estudo sobre o recasamento no Brasil esteve sempre presente desde os tempos de graduação, quando movidos por necessidade prática ou clínica, procurávamos em vão material a respeito.

Já existem muitas publicações sobre família, sua história, trajetória social e status, porém muito pouco se encontra em nosso país sobre o recasamento propriamente dito.

Outro motivo importante desse estudo ter sido efetuado foi o aumento crescente de casais recasados que procuram ajuda profissional, trazendo uma situação familiar que difere basicamente da família nuclear. Surgiu então a necessidade de uma especialização a respeito, buscando maior compreensão sobre a reconstituição da família, seus mitos e expectativas, para que se pudesse oferecer um atendimento psicoterápico mais efetivo.

Não se pretendeu aqui, no entanto, desenvolver questões de caráter generalizante, nem propor soluções para determinadas situações, e sim, tirar de um estudo aprofundado do recasamento, perspectivas mais realistas sobre a reconstituição da família e sua dinâmica interna, para que se tenha mais subsídios para lidar com a situação.

O tema entretanto, é bastante amplo, tendo sido feito um recorte sobre um ponto importante: perceber como se dá a relação do casal quando já existem, desde o seu início, filhos de um ou ambos os cônjuges, e como se dá essa adaptação de imediato a três, quatro ou mais membros da família recasada.

No decorrer da pesquisa, entretanto, inúmeras dificuldades impediram a obtenção de depoimentos de ambos os cônjuges, como era a proposta inicial. Na maior parte dos casos, a mulher se colocava à disposição para as entrevistas, porém o marido, ou se recusava já desde o primeiro contato - às vezes a própria esposa

avisava que ele não iria querer participar - ou colocava-se à disposição, porém adiava indefinidamente as entrevistas, por diversos motivos, sendo o trabalho o mais utilizado.

Em vista disso, modificou-se aos poucos o foco principal deste trabalho, que abrangeu sim a relação do casal, porém muito mais do ponto de vista da mulher. Contudo, espera-se que essa diversificação seja muito positiva, pois conforme a revisão de literatura efetuada por Walkers, Rogers e Messinger (1977), o papel da madrasta é mais difícil, especialmente com adolescentes, pois ela está mais em contato com as crianças do que o pai, e enfrenta problemas de disciplina sem ter a legitimidade que a mãe verdadeira possui.

O termo "recasamento" é usado aqui para definir o casamento ou união consensual entre um homem e uma mulher que vivam sob o mesmo teto, em que um ou ambos já tenham sido casados anteriormente, e que tenham se separado, divorciado ou enviuvado do casamento anterior. "Família nuclear" significa a família composta por pai,mãe e filho de um primeiro casamento, ou seja, pai e mãe naturais.

Por "relação do casal" entende-se a ligação de amor, conhecimento mútuo e convivência entre um homem e uma mulher, e que envolve os planos sexual, emocional, afetivo, financeiro e outros que sejam vivenciados pelo casal.

A palavra "mito" é aqui utilizada com o mesmo sentido dado por Schulman, G.L. em seu artigo "Myths that intrude on the adaptation of the stepfamily" (1972) ou, em outras palavras, como a representação de fatos ou personagens reais exagerada pela imaginação popular, pela tradição, etc. (Ferreira, 1975)

O divórcio foi adotado legalmente em nosso país há cerca de 10 anos. Em vista disso, a bibliografia a respeito é quase

inexistente. O que se encontra aqui é geralmente originário dos Estados Unidos, ou países como o Canadá, onde o divórcio já existe há muito tempo. Esses dados no entanto, revelam uma realidade diferente da nossa, pois por mais que se assemelhem as situações, elas são diferentes devido a cultura e tradição inerentes a cada uma.

Em "Casamento: término e reconstrução" (Maldonado, 1986), o tema é abordado de leve, porém com um enfoque maior nas diferentes opções disponíveis após a separação - entre elas, o recasamento - e sem se deter muito no tema. Infelizmente, o livro termina aí.

Na revisão efetuada sobre a literatura americana e canadense, percebe-se que a grande maioria dos autores se utiliza de mais de uma teoria para o entendimento e tratamento terapêutico na área de família, sendo a Teoria Geral de Sistemas muito utilizada para analisar e explicar a dinâmica da família.

A tendência geral da psicologia moderna tem sido a de se voltar para teorias que vejam o homem como um organismo ativo, que cria seu próprio universo. Dentro dessa nova visão do homem, a Teoria Geral dos Sistemas tem despertado um crescente interesse em psicologia, caracterizando o ser humano como um sistema de personalidade ativa em constante intercâmbio com o meio-ambiente.

Esse é um dos motivos que influenciou a escolha da Teoria Geral dos Sistemas (TGS) como a mais adequada para fundamentar esta pesquisa, pois possibilita a integração de conceitos de várias teorias, além de introduzir conceitos como sistemas abertos e fechados, interdependência entre os sistemas e subsistemas, limites e equilíbrio familiar.

Essa visão permite olhar a família como um sistema aberto, e como se relaciona com outros sistemas sociais na sociedade, além de focalizar sua estrutura interna e processos. (Wald, 1981)

Obtém-se através do modêlo sistêmico uma visão holística da família, na qual as relações entre seus membros são interdependentes, isto é, cada um é coibido pelo ação do outro ao mesmo tempo em que depende dele. Existe um intercâmbio com o meio-ambiente que deve permanecer em equilíbrio. A ênfase maior é dada na comunicação, e na dinâmica dos sistemas que se encontram em constante interação.

Cada família recasada só pode ser plenamente vista dentro de um contexto que inclui sua história e família antecedentes. Não é uma reconstituição de sua predecessora, a família nuclear (pai-mãe-filho), apesar de seus membros esperarem que forneça os mesmos laços de afeto e suporte mútuo. Devido a isso, utilizar o modelo da família nuclear como um ideal não funciona para a família recasada.

Diferentemente da família nuclear, a família recasada pode assumir muitas formas estruturais, dependendo se um ou ambos os cônjuges já foram casados antes, se um ou ambos tiveram filhos em casamentos anteriores, se esses filhos vivem com eles ou com o ex-cônjuge ou outro membro do suprasistema (avós, por exemplo), e se tem ou não filhos em comum.

A comunicação entre os subsistemas é geralmente carregada de duplas mensagens, devido a trajetória do casal recasado. Geralmente, esse caminho passa por um processo de evolução e revolução, com muitas mudanças, programadas e que ocorreram ao longo do tempo, além de mudanças bruscas como a morte de um cônjuge, conflito conjugal, separação e divórcio.

Para a maioria, as mudanças são forçadas em suas vidas. Os filhos raramente opinam nas decisões que afetam sua vida familiar, o que geralmente os coloca numa situação de "contra o que quer que seja decidido" (incluindo escolha do novo cônjuge).

Por essa situação complexa, e para melhorar a comunicação entre os membros do suprasistema da família recasada, muitas

vezes é necessária a intervenção de um terapeuta, pois como "pessoa de fora, pode suprir o que o próprio sistema não pode gerar: uma mudança de suas próprias regras". (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1973, p. 214).

Edward Shorter diz que "o que realmente diferencia a família nuclear - pai, mãe,filho - é um senso de solidariedade que separa a unidade doméstica do resto da comunidade. Seus membros sentem que possuem muito mais em comum um com o outro do que com qualquer outra pessoa de fora - sentem um clima emocional privilegiado que precisam proteger de intrusos através de privacidade e isolamento" (Apud Walker e Messinger, 1979, p. 186).

A família nuclear seria constituída portanto, de forma bem definida e seus limites bem demarcados. No recasamento, esses limites são bem mais permeáveis, não existindo apenas uma residência comum para seus membros, e sendo a autoridade paterna e materna dividida com outros, assim como a parte econômica de subsistência da família. Conforme Walker e Messinger (1979), as afeições e lealdades dos filhos também são geralmente divididas. Quanto a definição de papéis, não há nenhum grau de clareza quanto ao comportamento apropriado para os membros da família recasada, ou se o papel deve ser tomado ou conquistado. Simplesmente não existem prescrições claramente definidas sobre os direitos e obrigações entre o novo cônjuge e filhos do parceiro.

Realmente, quanto ao comportamento apropriado mencionado, não existem normas sociais que ajudem a estabelecer relacionamentos tipo madrasta-enteado, por exemplo. No Brasil principalmente, devido a situação de divórcio ser tão recente, é comum ambos se sentirem perdidos quanto à maneira correta de agir, especialmente por ocasião de eventos como aniversário, formatura e casamento.

A existência de mitos na adaptação da família recasada é estudada por vários autores americanos, entre eles Gerda Schulman (1972), como uma dificuldade que deve ser trabalhada através de terapia, preferivelmente antes do recasamento. Nesse ponto

observa-se que ela concorda com Watzlawick. Diz ela que sua clarificação possibilitaria às pessoas envolvidas uma visão real das expectativas e sentimentos de cada um, diminuindo em muito a angústia e ansiedade no período de adaptação, e propiciando como resultado melhor relacionamento entre seus membros. Dois tipos de mitos são mencionados pela autora, como aparentemente genéricos: o "mito da madrasta má"e o "mito do amor instantâneo" (p.131), que é esperado tanto por parte do novo pai/mãe quanto por parte dos filhos do parceiro.

Essa preocupação com uma terapia anterior ao recasamento vem corroborar a idéia inicial dessa pesquisa de difundir ainda mais o trabalho terapêutico para os recasados no Brasil, partindo-se da premissa de que quanto mais esclarecidos os membros da nova família, maiores chances tem o sistema familiar de funcionar em equilíbrio.

Doris S. Jacobson também discorre sobre o mesmo tema, relacionando dois mitos que afetam o ajustamento da família recasada, porém diferentes dos acima mencionados: "mito da adaptação instantânea" (que ela mesma coloca como sendo uma variação do "mito do amor instântaneo" de Gerda Schulman) e "mito da família nuclear recriada". Acredita também ser essencial um programa educacional para famílias recasadas. (1979, p. 203)

Outros autores descrevem problemas comuns a pais adotivos e seus cônjuges, mencionando também mitos que propiciam situações conflitantes no recasamento, a saber: "1) famílias recasadas são famílias nucleares; 2) morte do esposo(a) facilita a adoção (mito de que se o cônjuge é viúvo(a)é mais fácil a adaptação); 3) enteados são mais fáceis de lidar quando não moram com o novo casal; 4) o amor acontece instantaneamente". (Visher e Visher, 1978, p. 253)

Além desses mitos, são discutidos outros fatores que afetam a relação, dependendo da maneira com que cada um os vivencia: conflitos sobre disciplina; conflitos sobre dinheiro (geralmente

existe pensão alimentícia); sentimento de culpa por deixar seus filhos e ser padrasto/madrasta em outra família; sentimento de culpa pela atenção e amor divididos entre os filhos e novo cônjuge; sentimento de culpa por trazer filhos para o novo casamento; conflitos sobre lealdade (por parte dos filhos); conflitos sexuais (presença de adolescentes pode provocar insegurança pela variedade de situações íntimas vivenciadas); e, por último, conflitos sobre sobrenomes diferentes, que podem causar tensão na nova família. (Visher e Visher, 1978)

Existe uma extensa revisão da literatura sobre recasamento nos Estados Unidos e Canadá que foi considerada muito interessante e apropriada a este estudo, pois foram reunidos os resultados de diversos trabalhos e pesquisas sobre o assunto efetuados nesses dois países. Não se deve deixar de levar em consideração entretanto, que esses trabalhos foram realizados em um contexto diferente do nosso, e aplicados a pessoas provenientes de diferentes classes sociais, além de possuírem uma bagagem cultural totalmente diferente da nossa.

A revisão foi efetuada por Walker, Rogers e Messinger (1977) e foram coletados os seguintes resultados de pesquisas: o trauma emocional da separação e divórcio precisa estar resolvido para que o recasamento seja bem sucedido. O pagamento de pensão é uma ligação com o casamento passado extremamente negativa para o recasamento. Existem evidências de que é mais fácil para a criança adquirir um padrasto do que madrasta. É mais fácil ser padrasto/madrasta se o pai/mãe verdadeiro está vivo. O papel da madrasta é mais difícil, especialmente com adolescentes, pois ela está mais em contato com as crianças do que o pai, e enfrenta problemas de disciplina sem ter a legitimidade que a mãe verdadeira possui. A maioria dos autores concorda em que a madrasta não deve substituir a mãe muito rapidamente. O pai é aconselhado a ser mais um amigo ao invés de pai. A relação do padrasto/madrasta vai depender da relaçao mantida com o pai/mãe verdadeiro, se este está vivo, se mantém contato com o filho, e da idade deste. Filhos pequenos receberão mais facilmente um substituto do pai/mãe. No geral,

autores concordam que o papel de madrasta/padrasto deve ser criado para cada família, e que o modelo da família nuclear anterior não deve ser seguido. Por exemplo, enteados não devem ser forçados a chamar a madrasta de mãe ou o padrasto de pai, e sim escolher o nome que lhes pareça mais confortável.

Acredita-se que a terapia de família anterior ao recasamento facilita o período de adaptação. Uma característica distinta do recasamento é o aumento do número de parentes da família (8 avós, por exemplo). Podem existir desaprovações ao divórcio e recasamento por parte de avós, tios, que podem interromper relações com a família recasada. Ligações boas com avós podem ser benéficas, porém a adaptação do casal pode ser melhorada se certas relações com parentes forem mantidas ao mínimo. Por último, o recasamento tende a testar ainda mais uma relação de amizade, introduzindo uma nova pessoa que deve ser incluída na relação.

2 - O MODELO SISTÊMICO

O modêlo sistêmico fornece condições de se olhar a família recasada como um subsistema, em um suprasistema que engloba a rede de diferentes indivíduos (subsistemas), que funcionalmente se relacionam com os membros da família recasada. Cada subsistema é em si um sistema, ao mesmo tempo em que é um subsistema em relação ao suprasistema. A compreensão desse funcionamento e do poder existente em alguns membros do suprasistema conforme afetam a qualidade e viabilidade da família recasada, podem fornecer condições importantes para o tratamento do recasamento. (Sager et all, 1983)

Um sistema aberto permite uma troca de materiais, energias ou informação com o meio. Koestler (1964) (apud Watzlawick, Beavin e Jackson, 1973 p.111) explica melhor o desenvolvimento da teoria de subsistemas abertos e hierarquicamente ordenados dizendo o seguinte: "um organismo vivo ou um corpo social não é uma agregação de partes ou processos elementares; é uma hierarquia integrada de subconjuntos semi-autônomos, formados por subconjuntos e assim por diante. Assim, as unidades funcionais, em cada nível da hierarquia, como que são bifaciais: atuam como um todo quando as observamos de cima para baixo, como partes quando as vemos de baixo para cima".

Esse modêlo conceitual nos permite situar um "sistema interacional diádico em maiores sistemas de família, família ampliada, comunidade e culturais. Tais subsistemas também podem sobrepor-se a outros subsistemas, visto que cada membro da diáde está envolvido em subsistemas diádicos com outras pessoas e até com a própria vida". (p.112)

Em resumo: os indivíduos se comunicam com outras pessoas e sistemas através de relações horizontais e verticais.

Existe um código de regras, e no momento em que esses padrões se desfazem, ocorre a desagregação familiar. Isso equivale a dizer que cada indivíduo é importante dentro do

sistema, podendo seu comportamento manter o equilíbrio necessário para o seu funcionamento ou desagregá-lo.

Citando Hall e Fagen (1956) (apud Watzlawick, Beavin e Jackson, 1973 p. 118) "um sistema é estável com respeito a certas variáveis se estas variáveis tendem a permanecer dentro de limites definidos". Isto sugere uma análise mais formal da família como sistema, em que são focalizadas as relações em desenvolvimento, isto é, aquelas que são importantes para ambas as partes e que sejam duradouras, como amizades, certas relações profissionais e, em especial, as relações conjugais e familiares, conforme colocado por esses autores.

Esse modelo de interação familiar foi proposto por Jackson (1957) (apud Watzlawick, Beavin e Jackson, 1973, p.122), quando apresentou o conceito de homeostase familiar: "Observando que as famílias de pacientes psiquiátricos demonstravam, frequentemente, repercussões drásticas (depressão, aspectos psicossomáticos, etc.) quando o paciente melhorava, ele postulou que esses comportamentos e, talvez, portanto, a doença do paciente, eram "mecanismos homeostáticos" operando para restabelecer o delicado equilíbrio do sistema perturbado". Este modelo expressa a base de uma abordagem comunicacional da família.

A comunicação é considerada o veículo de interação entre os seres humanos. Ela define o tipo de relação que existe entre os membros da família, visto essa relação implicar num efeito mútuo de interdependência. A comunicação inadequada aqui pode ser percebida no exemplo dado por Watzlawick, Weakland e Fisch (1977) para demonstrar o modelo frequentemente observado de interação humana que envolve dois participantes, que "parecem estar ligados (e separados) por uma vara invisível de uns três metros, de tal forma que toda tentativa por parte de um deles no sentido de se aproximar do outro empurra esse último, e vice-versa, originando-se daí infindáveis acusações mútuas: o resultado é uma dança extraordinária em que nada realmente muda" (p.31), e no qual acrescentaríamos, e em que nada é comunicado.

Acreditamos ser importante para o entendimento da família como sistema certos postulados básicos, conforme definidos por Watzlawick, Beavin e Jackson (1973). São eles as propriedades macroscópicas formais dos sistemas abertos, na medida em que se aplicam à interação:

a) Globalidade: "toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as demais partes que uma mudança numa delas provocará uma mudança em todas as partes e no sistema total. Isto é, um sistema comporta-se não como um simples conjunto de elementos independentes, mas como um todo coesó e inseparável". (p.112) "Um sistema não pode ser considerado a soma de suas partes". (p.113)

b) Retroalimentação e circularidade: modelo causal para uma teoria de sistemas interacionais.

c) Equifinalidade: "se o comportamento equifinal dos sistemas abertos se baseia em sua independência das condições iniciais, então não só muitas condições iniciais diferentes geram o mesmo resultado final mas diferentes resultados podem ser produzidos pelas mesmas causas. (Esse corolário assenta sobre a premissa de que os parâmetros do sistema predominarão sobre as condições iniciais)". (p.116)

Esses princípios básicos podem ser agora analisados à luz da comunicação existente dentro da família, seguindo os mesmos autores citados acima:

Globalidade:

"O comportamento de todo o indivíduo dentro da família está relacionado com (e depende do) comportamento de todos os outros. Todo o comportamento é comunicação e, portanto, influencia e é influenciado por outros. Especificamente...as mudanças para melhor ou pior no membro da família identificado como o doente terão, usualmente, um efeito sobre os outros membros da família, especialmente em função da sua própria

saúde psicológica, social e até física". (p.122)

Exemplo dado por esses autores é o da terapia de casal em que é resolvida a queixa principal, porém o casal se divorcia; como na velha piada, "a operação foi um êxito mas o paciente morreu". Foram alteradas as relações complementares do casal ao ser eliminada a queixa concreta.

Não-somatividade:

"A análise de uma família não é a soma das análises dos seus membros individuais...Muitas "qualidades individuais" dos membros, especialmente o comportamento sintomático são, de fato, específicas do sistema". (p.123)

Fry (1962) examinou o contexto marital em que um grupo de pacientes manifestava uma síndrome de ansiedade, fobias e comportamento estereotipado de evitação. Assinala esse autor que "os esposos revelam, após cuidadoso estudo, uma história de sintomas que se assemelham imenso, quando não são idênticos, aos sintomas dos pacientes" (p.124). Como exemplo, são citados casos: uma mulher que não saía sozinha ou a lugares iluminados; descobriu-se que o esposo sentia ansiedade por estar em aglomerações e lugares públicos iluminados. Contudo, ambos insistiam em que o problema era só dela. Outro caso: medo que o marido nunca precisou enfrentar, de estar em lugares altos, visto a esposa ter medo de lugares fechados (não podiam usar elevador para lugares altos). (apud Watzlawick, Beavin e Jackson)

Fry sugere que os sintomas do paciente parecem proteger o outro cônjuge, e que o aparecimento dos sintomas correlaciona-se com uma mudança na situação da vida do cônjuge, a qual poderia gerar ansiedade no cônjuge. Exemplo: Advogado com história de emprego irregular muda-se para outra cidade com novo emprego, ocasião em que a esposa contraiu sérios acessos de ansiedade e era incapaz de sair de sua nova casa. Fry denomina "controle dual" a este tipo de interação entre casais,

em que "os sintomas da paciente colocaram-na na posição, como membro padecente, de exigir ao seu cônjuge que esteja sempre à sua disposição e faça o que ela disser. O cônjuge não pode fazer um movimento sem consultar a paciente, e obter a sua autorização. Entretanto, ao mesmo tempo, a paciente é constantemente vigiada pelo esposo. Ele pode ter que ficar perto do telefone para que ela possa entrar em contato com o marido mas este também está checando as atividades dela...As dificuldades da paciente funcionam para permitir ao marido que evite muitas situações em que ele poderia sentir ansiedade ou desconforto, sem ter que se defrontar com a possibilidade de sintomas. Ela pode ser uma elaborada desculpa para ele. O marido poderá evitar a vida social ostensivamente porque a paciente está contrafeita e enervada...evita um confronto com o seu próprio eu, graças à suspeita de que os problemas dos filhos são causados pelos sintomas da mãe". (p.125)

Retroalimentação e homeostase:

"As admissões - ações dos membros da família ou do meio - no sistema familiar são influenciadas e modificadas pelo sistema. A natureza deste e os seus mecanismos de retroalimentação tem de ser levados em conta, assim como a natureza da admissão (equifinalidade)". (p.126)

Embora de um ponto de vista a família está equilibrada pela homeostase, por outro lado existem importantes fatores simultâneos de mudança em ação, e um modelo de interação familiar deve incorporar, necessariamente, esses e outros princípios numa configuração mais complexa". (p.131)

As mudanças internas inevitáveis na família, como a idade e o amadurecimento de pais e filhos, podem "modificar a regulagem do sistema quer gradualmente, de dentro para fora, quer de uma forma drástica, de fora para dentro, segundo a forma como o meio social incida sobre essas mudanças (com exigências de educação superior, serviço militar, aposentadoria, etc.)".(p.132)

"...sugerimos que existe uma calibração do comportamento

habitual ou aceitável, as regras de uma família ou as leis de uma sociedade, dentro das quais os indivíduos ou os grupos costumam funcionar. Em um nível, esses sistemas são muito estáveis, pois um desvio na forma de comportamento, fora do âmbito aceito, é contrabalançado (disciplinado, sancionado ou até desalojado por um substituto, como no caso de um outro membro da família passar a ser o paciente)." (p.133)

3 - DIVÓRCIO E RECASAMENTO NO BRASIL

O divórcio foi instituído no Brasil em 28 de junho de 1977, através da Emenda Constitucional nº 9 da autoria dos Senadores Nelson Carneiro (MDB-RJ) e Aciole Filho (Arena-PR), tendo sido aprovado em votação na época em que Petrônio Portela era Presidente do Senado.

Após a aprovação da emenda, os motivos da dissolução do casamento passaram a ser:

- Pela morte de um dos cônjuges
- Pela nulidade ou anulação do casamento
- Pela separação judicial
- Pelo divórcio (modificação da lei)

A partir dessa época, a expressão "desquite amigável" foi substituída por "separação judicial por mútuo consentimento".

Para que possa ser solicitado o divórcio, o casal deve ter 3 anos de separação judicial ou 5 anos de separação de fato com comprovação de testemunhas. Está sendo proposta a modificação de 3 para 2 anos para a concessão do divórcio pela nova constituição.

A lei que homologou o divórcio no Brasil dispõe que uma vez conferido o divórcio a pessoa só poderá recasar uma vez. Entretanto, existem projetos para modificar este ítem, como o de 20 de novembro de 1985, do Senador Moacyr Duarte, que permite que o divórcio seja concedido mais de uma vez.

Outras modificações sendo propostas atualmente para a nova constituição são as seguintes:

- A mulher passa a ter os mesmos direitos do homem dentro da família
- O casamento deixa de ser a única forma de constituição de uma família
- Acabam-se as figuras jurídicas da mãe solteira e também do filho ilegítimo

A subcomissão da família formada por membros da constituinte, aprovou por unanimidade o anteprojeto que diz "os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal, ao pátrio poder e ao registro de filhos, a titularidade e administração dos bens do casal são exercidos pelo homem e pela mulher". Além disso o casamento seria apenas uma forma de constituição da família, e o concubinato tornar-se-ia uma situação legal.

Até a década de sessenta, e início dos anos setenta, quando não existia o divórcio no Brasil, o recasamento, na época "ajuntamento", não era socialmente aceito no Brasil, principalmente nas camadas da classe média e alta. Os desquitados que tentavam nova união chegavam ao ponto de casar-se no exterior, geralmente no Uruguai, para poder dizer aos amigos e parentes que eram casados e, dessa forma, passar a ser aceitos socialmente, apesar desse casamento não ser legalmente válido no Brasil. E aqui observamos um paradoxo: hoje, quando o recasamento já é legalmente possível no Brasil pelo advento do divórcio, ocorre justamente o contrário: o socialmente aceito e praticado não é mais o recasamento "no papel", isto é, o casamento civil, e sim o "concubinato" de antigamente, que hoje significa duas pessoas viverem juntas, como casados, sob o mesmo teto, com filhos de um ou ambos os cônjuges ou não, porém sem que haja o vínculo do casamento civil.

Com certeza existem e existiram diversos motivos para que essa mudança social ocorresse, e consideramos alguns deles como sendo os seguintes:

Nos anos pré-divórcio (principalmente até os anos sessen-

ta), a sociedade estigmatizava fortemente o indivíduo desquitado (separado legalmente), principalmente a mulher, possivelmente pela ameaça que representava a ruptura de um casamento à continuidade da estrutura familiar dos casais que conviviam no mesmo ambiente em que o casal desquitado.

Como existia na época o "mito" da virgindade, tão fortemente defendido pelos homens, os quais só se casavam com uma mulher virgem, e endossado pelas mulheres na figura da mãe preocupada em conseguir um bom casamento para a filha, a mulher desquitada era em si uma ameaça a todas as mulheres casadas em seu círculo de relações e fora dele. Isso porque não existindo mais o freio da virgindade anterior ao casamento, e estando novamente livre, a mulher podia dispor de seu corpo como bem lhe conviesse, podendo até, o que na maioria das vezes ocorria, manter um "caso" com um homem casado. A mulher desquitada portanto, era "mal-vista" pela sociedade, que dessa forma a excluía para proteger seus interesses.

Quanto à parte legal, a mulher e os filhos legítimos de uma união eram os beneficiários legais de qualquer renda financeira, no caso de morte do marido, bem como a herança em dinheiro, terras, bens, etc. Esse era um forte motivo até essa época para a obrigação do casamento civil. Aos poucos, porém, essa situação foi se modificando, com novas leis protegendo principalmente os filhos existentes fora do casamento, bem como a mulher que por certo número de anos vivesse com um homem, fossem eles casados ou não.

Hoje, como todas essas leis criadas para uma época em que não existia o divórcio ainda estão em vigor, e até sendo ampliadas nas propostas feitas pela Constituinte, o recasamento legal, do ponto de vista financeiro, sob muitos aspectos é desnecessário. Além disso, o divorciado geralmente não quer correr o risco de passar novamente pelo difícil processo de separação legal, divisão de bens, pensão, custódia dos filhos, etc. E isso se dá igualmente com homens e mulheres divorciados.

Outro ponto a considerar é que a união sem o casamento civil foi se tornando socialmente aceita, exatamente pelo número crescente de casais separados que reconstruiam uma nova família, já desde antes da promulgação da lei do divórcio.

Para o divorciado de hoje, morar juntos apenas, dá uma impressão de liberdade, simplicidade, e não comprometimento, que não existiam no primeiro casamento. Esse sentimento de estar livre para partir quando quiser, parece até de certa forma contribuir para um melhor relacionamento entre o casal recasado.

Estamos numa fase de transição. Esse sentimento de "estar amarrado" no casamento legal é muito ligado ao casamento brasileiro da época pré-divórcio. O que provavelmente ocorrerá daqui para a frente, é que os indivíduos que se casam pela primeira vez já vivenciem a experiência do casamento juntamente com a possibilidade do divórcio, o que a modifica totalmente. Caso ocorra o divórcio, o mais provável é que um segundo casamento também seja realizado no civil, pois o casamento não trará mais consigo o estigma de "viverem juntos até que a morte os separe".

Ocorreram também diversas modificações sociais e legais sobre o uso ou não do sobrenome do marido. Antigamente, a mulher brasileira ao se casar, era obrigada a adotar o sobrenome do esposo. Ao se desquitar no entanto, podia escolher entre manter o nome de casada ou voltar a usar apenas o sobrenome de solteira.

Hoje, a mulher já pode escolher se quer ou não usar o sobrenome do marido, porém um outro tipo de pressão social vem à tona, o que, em nosso entender, transmite um jogo de poder mais abrangente do que parece à primeira vista. Se a mulher decide não adotar o sobrenome do marido, é como se ela estivesse simbolicamente transmitindo toda uma visão de vida na qual se insere como igual, e não inferior ao cônjuge. Essa atitude geralmente provoca no futuro marido uma reação desfavorável, não pelo uso do nome

em si, e sim pelo desafio de poder que isso representa. É raro encontrar hoje no Brasil uma mulher que não adote o sobrenome do marido ao se casar. No exterior, entretanto, isso já é bem mais comum, dependendo do tipo de cultura do país e, naturalmente, do grau de "machismo" existente.

Existe um significado por trás do nome que parece traduzir a própria identidade da pessoa. Assim, a mulher ao se separar pode voltar a usar o seu nome de solteira como se voltasse a ser ela própria, independente do marido, isto é, não mais dependente dele.

Quando a mulher profissionalmente passa a se tornar conhecida com o nome do esposo, em geral continua a usá-lo após o divórcio. Outro motivo que a leva a continuar com o sobrenome do marido é a presença de filhos, para não apresentar sobrenome diferente do deles.

A mulher continua a usar o nome do ex-marido dependendo do significado que o casamento teve para sua individualidade. Se a satisfez como mulher, pode não querer mudá-lo. Se a diminuiu como indivíduo, pode querer voltar a uma busca de identidade perdida, uma volta às suas raízes sociais. Se o casamento a fez subir socialmente, pode querer continuar com o nome do marido para não perder o "status" adquirido, ou vice-versa.

Desnecessário dizer que no recasamento a mesma situação se repete, só que maior em complexidade, em vista do aumento do número de pessoas envolvidas. Caso a mulher tenha mantido o sobrenome do primeiro marido, isso pode vir a se constituir num conflito para o segundo marido, ao passo que se mudar de nome, o conflito pode existir por parte dos filhos, que ficarão com sobrenome diferente.

4 - UM TRABALHO DE CAMPO

4.1 - Caracterização dos Sujeitos Entrevistados* e Procedimentos

O trabalho de campo desenvolveu-se junto a um grupo típico de pessoas, com características comuns pertinentes ao recasamento. Decidiu-se por isso utilizar o método biográfico (história de vida), e por ser o julgado mais adequado para atingir os objetivos inicialmente propostos pela pesquisa, quais sejam, de aprofundar o conhecimento sobre o recasamento, buscando perspectivas mais realistas sobre a reconstituição da família.

Essa técnica provou ser muito útil, uma vez que os próprios entrevistados delimitavam os assuntos de seu interesse, ficando livres para discorrer sobre o que lhes parecesse mais emergente. À entrevistadora, coube o papel de escutar com o mínimo de interferência possível, e nesses casos apenas quando solicitada, ou para encorajar o prosseguimento da entrevista, lembrando um ou outro tema.

As entrevistas foram gravadas em fita, que foram mais tarde transcritas para o papel. Não era solicitada a permissão para o uso de gravador, pois percebeu-se que se houvesse opção, sua utilização seria recusada. O aparelho era simplesmente colocado em frente ao entrevistado sem maiores explicações, e todos o aceitavam sem objeção.

O grupo inicialmente proposto para estudo deveria se constituir de 10 a 15 casais, em que pelo menos um dos cônjuges tivesse filhos de casamento anterior.

*A descrição detalhada da constituição de cada família encontra-se nos anexos, que são em número de onze.

Os sujeitos foram selecionados de acordo com um critério previamente estabelecido, a saber:

- As pessoas entrevistadas deveriam ser brasileiras
- Os filhos poderiam ou não estar vivendo com o casal entrevistado
- Período de tempo de vida em comum mínimo de dois anos
- A união do casal tanto poderia ser legal quanto consensual, desde que vivessem juntos na mesma residência
- As pessoas entrevistadas não deveriam ser todas de uma mesma religião
- A entrevista deveria ser feita com casais de diversas faixas etárias
- Que fossem residentes em São Paulo ou Rio de Janeiro
- Que pertencessem à classe média ou alta

Foi estabelecido o tempo mínimo de dois anos de vida em comum, para que se pudesse obter dados de maior conteúdo nas entrevistas. Levou-se em consideração que um período menor do que dois anos, não daria tempo suficiente ao casal de vivenciar certos temas que interessavam à pesquisa.

O grupo não deveria pertencer à mesma religião, para que não se obtivessem dados característicos de uma religião somente, ou que fossem por ela determinados.

Os casais deveriam pertencer a diversas faixas etárias, para que se pudesse observar como o recasamento é percebido por pessoas mais jovens e por pessoas mais maduras, além de se colher dados do início do recasamento, e com dez ou quinze anos de união.

Os casais deveriam ser residentes em São Paulo ou Rio de Janeiro, pela facilidade da pesquisadora de estar nesses locais e efetuar as entrevistas pessoalmente. As pessoas entrevistadas entretanto, poderiam ser provenientes de qualquer estado do Brasil.

Foram escolhidas as classes média e alta apenas, por se acreditar que exista uma diferença muito grande entre essas classes e a classe baixa quanto ao recasamento, o que dificultaria muito uma análise dos dados obtidos caso o estudo abrangesse essas três classes. Considerou-se classe média os casais em que pelo menos um dos membros possuisse nível universitário, e tivesse renda acima de quinze salários mínimos.

A maneira de contactar os casais e efetuar as entrevistas foi exaustivamente revista para não colocar em risco a validade de seus resultados. Foram por isso descartados casais que fossem atendidos por terapia familiar em uma determinada clínica, pois poderiam apresentar problemas especiais, e optou-se por fazer todas as entrevistas pela própria entrevistadora, para evitar diferenças significativas na obtenção dos dados.

Pensou-se até em recrutar sujeitos em um cartório, porém foi constatado que um grande número de recasados não oficializa seu recasamento.

A maneira mais aleatória encontrada para se contactar os casais foi através de escolas, solicitando-se uma lista das crianças que frequentassem a escola que tivessem pais separados ou recasados. Infelizmente, apenas uma escola forneceu esses dados, e ainda assim por ser a diretora amiga pessoal da entrevistadora. Além disso, a autorização permitia que fossem contactados apenas pais de alunos que frequentassem a escola há mais tempo.

O motivo para tal procedimento foi de que poderia ser considerado pelos pais uma invasão de privacidade, e que não gostariam que isso prejudicasse o relacionamento com a direção da escola.

Essa primeira e única lista obtida continha apenas quatro nomes, dos quais um foi riscado por ser o pai estrangeiro, não estando dentro dos requisitos previamente determinados de entrevistar apenas brasileiros.

A segunda família indicada foi contactada, porém a mulher foi logo avisando que o marido não queria ver psicólogo "nem pintado", o que tornava difícil continuar o contato.

Finalmente, as duas famílias restantes aceitaram e efetivamente participaram da pesquisa, sendo essa no entanto a única escola em que se obteve algum sucesso.

Pode-se concluir portanto que é difícil no Brasil fazer uma pesquisa, devido a dificuldade em se coletar dados de pessoas desconhecidas.

Resolveu-se então revisar os critérios inicialmente propostos, e assumir a subjetividade do tipo de pesquisa a ser feita, levando-se em consideração ao fazer isso principalmente que essa não é uma pesquisa estatística, nem o seu grupo representativo da população recasada, razão pela qual optou-se pelo método do estudo de vida.

A partir daí, foram contactadas pessoas que se enquadrassem na pesquisa através de amigos, colegas e conhecidos da entrevistadora. Mesmo assim, as dificuldades foram inúmeras, pois na maioria das vezes as mulheres aceitavam mas os homens se recusavam a participar das entrevistas. Outras vezes, quando o casal concordava, apresentava uma desculpa cada vez que houvesse uma tentativa por parte do entrevistador de marcar a primeira

entrevista, ou marcava, para logo em seguida cancelar devido a "compromissos de última hora". Uma família protelou a entrevista por mais de cinco vezes, quando finalmente foi entrevistada apenas a esposa.

Outro casal colocou-se à disposição porém sem dia marcado, isto é, não podiam reservar uma hora com a entrevistadora; ela deveria telefonar todos os dias "meia hora antes da entrevista" para saber se estariam disponíveis. Esse casal, como se pode bem perceber, não foi entrevistado, pois além da dificuldade imposta, as condições emocionais da entrevistadora iriam influir negativamente nos dados a serem obtidos.

Em vista do exposto, decidiu-se considerar e aceitar o aspecto da recusa como um dado que demonstra a dificuldade em se abordar o tema, demonstrada principalmente pelos homens.

Outro dado importante que surgiu na época da procura de casais para entrevista, foi o desejo de participar da pesquisa demonstrado por mulheres cujos maridos recusavam-se a participar. Além disso, a disponibilidade da participação de mulheres que haviam sido recasadas e estavam agora separadas, ou prestes a se separar, situação que tornava impossível a participação do homem nas entrevistas.

Da mesma forma, percebeu-se que as entrevistas individuais com cada cônjuge, inicialmente previstas, não acrescentavam nada de maior importância ao que fora colocado na primeira entrevista com o casal.

Ao examinar melhor a questão, concluiu-se que a relação entre um homem e uma mulher no recasamento é geralmente mais aberta que em um primeiro casamento.

Como o motivo principal das entrevistas individuais era o de detectar fatos importantes não mencionados na presença do cônjuge, e isso não estava ocorrendo pois todos os assuntos eram

falados na entrevista conjunta, a partir daí foram canceladas as entrevistas individuais, mesmo porque dificultavam ainda mais encontrar casais disponíveis a participar da pesquisa.

Ao final do trabalho de campo, que se desenvolveu de janeiro a junho de 1987, haviam sido entrevistados seis casais, quatro mulheres recasadas cujos maridos não participaram das entrevistas, e uma mulher recasada que estava se separando.

Distribuição dos entrevistados de acordo com o número de casamentos:

Família nº	1º Casamento		2º Casamento	
	Dele	Dela	Dele	Dela
01			X	X
02		X	X	
03	X			X
04			X	X
05		X	X	
06		X	X	
07		X	X	
08			X	X
09		X	X	
10		X	X	
11			X	X
	01	06	10	05

Duas das cinco mulheres recasadas não tiveram filhos de seu primeiro casamento, sendo que os filhos das outras três mulheres recasadas moravam com o casal entrevistado.

UNIVERSIDADE CATOLICA

Distribuição dos entrevistados de acordo com o número de filhos dos diferentes casamentos:

Família nº	Filhos em comum	Filhos de casamentos anteriores que moram com o casal		Filhos de casamentos anteriores que moram com o ex-cônjuge	
		Dele	Dela	Dele	Dela
01	02			01	
02	02			01	
03	01		01		
04	-			01	
05	-	02			
06	02	03			
07	01		01	02	
08	-		02	03	
09	01			02	
10	02			02	
11			02	02	
	11	05	06	14	

Como se pode observar, todos os dez homens recasados têm filhos do casamento anterior, sendo que em duas famílias entrevistadas os filhos moravam com o pai.

Algumas das outras famílias também tiveram por várias ocasiões, os filhos do pai morando com o casal recasado, por períodos que variaram de meses até anos.

Distribuição dos entrevistados de acordo com o tempo e tipo de união:

	Tempo de união			Tipo de união		
Família nº	2 à 5 anos	6 à 10 anos	11 à 15 anos	Casamento civil	União consensual	Por contrato
01		X			X	
02		X		X		
03	X				X	
04	X				X	
05		X		X		
06		X		X		
07			X	X		
08	X				X	
09		X				x
10		X			X	
11			X	X		
	03	06	02	05	05	01

Como se pode perceber, mesmo em um grupo tão pequeno, é maior o número de casais que vivem juntos sem estar casados no civil.

Distribuição dos entrevistados de acordo com o tempo de duração do primeiro casamento e tempo de separação até o recasamento:

Família nº	Duração do primeiro casamento			Tempo de separação até o recasamento				
Homens	2 à 5 anos	6 à 10 anos	11 à 17 anos	Até 1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos
01	X					X		
02	X				X			
04			X				X	
05			X	X				
06		X			X			
07	X			X				
08			X	X				
09	X				X			
10		X						X
11			X		X			
	04	02	04	03	04	01	01	01

Mulheres					
01	X			X	
03		X			X
04		X		X	
08			X	X	
11	X				X
	02	02	01	03	02

A idade dos casais entrevistados variou de 27 à 57 anos para os homens e de 30 à 42 anos para as mulheres.

O grau de escolaridade dos casais era de universitários em sua maioria, sendo que as profissões variavam, conforme a tabela a seguir. Das mulheres, cinco exerciam no momento atividade remunerada, porém todas já haviam trabalhado fora anteriormente.

Distribuição dos dados sobre o grau de escolaridade e profissão:

Família	Grau de Escolaridade		Profissão	
nº	Ele	Ela	Ele	Ela
01	2º Grau	Universitário (Psicologia)	Empresário	Empresária
02	Universitário (Eng. Civil)	Universitário (Letras)	Empresário	Professora
03	1º Grau	Universitário (Psicologia)	Corretor da Bolsa	Dona-de-casa
04	Universitário (Economia)	Universitário (Psicologia)	Comércio exterior	Psicóloga
05	Universitário (Direito)	Universitário (Adm. Empresas)	Consultor	Dona-de-casa
06	Universitário (Adm. Empresas)	Universitário (Adm. Empresas)	Gerente de Vendas	Dona-de-casa
07	Universitário (Economia)	Universitário (Medicina)	Economista	Dona-de-casa
08	Universitário (Economia)	Universitário (Letras)	Empresário	Empresária
09	Universitário (Medicina)	Universitário (Nutrição)	Médico	Empresária
10	Universitário (Artes Plásticas)	Universitário (Pedagogia)	Comerciante	Dona-de-casa
11	2º Grau	2º Grau	Piloto	Dona-de-casa

Distribuição dos entrevistados de acordo com o estado civil atual dos ex-cônjuges, e trabalho das ex-esposas:

Família nº	Ex-Esposa				Ex-Marido	
	Solteira	Recasada	Trabalha Sim	Trabalha Não	Solteiro	Recasado
01	X		X		X	
02	X			X		
03					X	
04		X	X		X	
05	X			X		
06		X	X			
07		X		X		
08	X			X		X
09	X			X		
10		X	X			
11	X		X			X
	06	04	05	05	03	02

A proveniência dos casais foi de quatro estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Em São Paulo foram entrevistados cinco casais, três mulheres cujos maridos não participaram das entrevistas, e uma mulher que estava separada do marido. No Rio de Janeiro foram entrevistados um casal, e uma mulher cujo marido não pode participar por não conseguir nunca estar presente na entrevista.

Dois casais eram amigos pessoais da entrevistadora, porém não foram encontradas diferenças na abertura dos mesmos quanto à entrevista.

As entrevistas foram marcadas por telefone, quando era informado aos sujeitos contactados que os dados se destinavam a uma pesquisa de campo de uma dissertação de mestrado, e que as entrevistas seriam confidenciais, sendo as famílias identificadas por um número apenas.

Eram as mesmas realizadas na residência dos entrevistados ou em seu local de trabalho, ficando a seu critério escolher local e hora que melhor lhes conviessem.

As entrevistas realizadas com casais foram feitas geralmente à noite, único horário em que os casais se encontravam juntos e disponíveis, com exceção de um casal em que o marido se deslocou para o local de trabalho da mulher para participar da entrevista conjunta.

As entrevistas feitas com as mulheres apenas foram realizadas durante o dia, algumas nos locais de trabalho e outras na residência da pessoa entrevistada.

O tempo de duração era colocado como sendo de aproximadamente uma hora. No entanto, para surpresa nossa, raramente levavam menos de duas horas, sendo muitas de três e até quatro horas de duração.

Ao início de cada entrevista eram colhidos os dados da família, e feita uma explicação breve do tipo de técnica empregada, quando era lido um roteiro de questões a serem abordadas sobre a vida pessoal do sujeito até o momento atual do recasamento. Era explicado que ficava inteiramente a cargo do entrevistado discorrer sobre os temas apresentados, pois ele melhor que ninguém

era conhecedor de sua história de vida.

Nos casos em que as pessoas sentiam-se mais à vontade e demonstravam facilidade de verbalização, foi apenas lido o roteiro de questões. Por outro lado, quando os entrevistados solicitavam o que mais gostaríamos de saber, houve a necessidade de se usar mais detalhadamente o roteiro.

O roteiro previamente elaborado abordava os seguintes temas:

- Expectativas quanto ao primeiro casamento
- Entendimento e adaptação no primeiro casamento, e comunicação entre os parceiros
- Término do primeiro casamento
- Sentimento dos filhos quanto à separação
- Período de separação: sentimentos, projetos
- Separação entre um casamento e outro; pendências emocionais resolvidas ou não
- Escolha atual; como se deu, expectativas
- Expectativas em relação aos filhos no recasamento
- Reação e expectativas dos filhos no recasamento
- Sentimentos em relação aos filhos pela separação e recasamento
- Dificuldades encontradas no recasamento; quais ainda persistem
- Comunicação entre o casal no recasamento
- Relação com os filhos e enteados no recasamento
- Divisão de autoridade do pai, mãe, padrasto, madrasta - como é percebida pelos filhos
- Relação entre o novo cônjuge e filhos do parceiro - direitos e obrigações de cada um, afeições e lealdades, definição de papéis
- Relação entre a família recasada e as famílias de origem (do casal, dos ex-cônjuges)

A reação das pessoas entrevistadas ao final da entrevista, de certa maneira causou uma surpresa.

Pensou-se de início que, pela delicadeza dos temas, as pessoas ficassem talvez um pouco aborrecidas, ou melhor dizendo, perturbadas por terem de lidar com assuntos que ainda estão acontecendo, ou que foram mal resolvidos em seu passado. No entanto, mesmo nas entrevistas em que o clima emocional se tornasse bastante tenso e difícil (várias mulheres se emocionaram muito e até choraram durante seu depoimento), invariavelmente, ao final da entrevista, agradeciam a entrevistadora e diziam ter gostado muito de participar da experiência, principalmente quando estavam presentes marido e mulher.

Concluiu-se posteriormente que as pessoas hoje raramente abrem um espaço para refletir e falar sobre os assuntos abordados, seja por falta de tempo, seja por falta de disposição - em geral do marido - ou até mesmo por receio de parar e fazer um "balanço" de sua vida. Quando o fazem, sentem-se aliviadas, porque se abriram ainda mais uma com a outra e, principalmente, consigo mesmas.

Praticamente todos os entrevistados encararam a experiência como muito positiva, e demonstraram interesse em saber os resultados do estudo. Tendo em vista a relutância de muitos deles para efetivamente participar, foi bastante gratificante saber que assim fosse, e que o breve contato mantido tenha ficado como um crescimento para ambas as partes.

4.2 - Descrição dos Dados Obtidos nas Entrevistas

Apresentamos a seguir um resumo de cada entrevista feita, contendo um breve histórico da família, assim como os principais tópicos abordados pelas pessoas entrevistadas.

Todos os nomes utilizados são fictícios, para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

Família nº 1

Casal entrevistado: João e Nair
Ex-esposa de João: Sonia
Ex-marido de Nair: José

João e Nair estão juntos há 7 anos, e tem 2 filhos em comum: uma menina de 5 e um menino de 3 anos. Nair já foi casada anteriormente, mas não teve filhos. O casamento durou 2 anos. João também foi casado antes, e tem uma filha de 10 anos do primeiro casamento, que mora com a mãe em outra cidade. Seu primeiro casamento durou 3 anos.

O motivo para o primeiro casamento dele não ter dado certo foi sua falta de maturidade, não estar preparado. Depois vieram dificuldades financeiras, falta de apoio da esposa, e afastamento físico e emocional dos dois até a separação.

João acha o recasamento totalmente diferente do primeiro casamento: "a cabeça é outra, a gente encara com muito mais seriedade tudo, até os filhos".

Nair casou-se com um estrangeiro, que vivia na dúvida se devia voltar para sua terra. Quando foi embora para tentar, por dois meses, ela resolveu se separar. Ele então voltou querendo uma reconciliação, mas ela não aceitou. Outro motivo forte para o casamento acabar foi o fato dele não poder ter filhos (já tinha um de seu primeiro casamento), e Nair querer ter filhos seus.

No início do recasamento, Nair sentiu muita competição com a sogra, pois esta achava que estava ocupando o lugar dela. A filha de João do primeiro casamento preferia ficar na casa da avó, quando vinha visitar o pai, pois esta não impunha disciplina nenhuma, além de esperá-la com doces e o que mais quisesse.

Quando a menina vinha passar o fim-de-semana com o pai, não

queria ficar. "Só queria ver se tinha presente, se tinha, ela pegava todos os embrulhinhos e queria ir embora. Aí a gente começou a questionar muito isso, se era válido comprar presente, porque tava comprando a menina". Aos poucos porém, a menina foi se adaptando.

João e Nair mudaram-se há pouco tempo para outra cidade, o que ajudou muito na relação com a ex-esposa de João e a filha dele. "Aqui não tem ninguém interferindo, a menina adora vir, ela mesma telefona dizendo:"eu quero passar o fim de semana aí".

Quanto à menina, acham que não existe hoje problema algum. "Mas a mãe dela é uma chata. Quando ela tá namorando, ela é uma santa, ela tá ótima. Quando não tá, fica enchendo o saco com coisa pequena, sabe".

Nair acha que no recasamento a gente faz mais força, e tenta compreender mais a outra pessoa. "Acho que a gente tenta, eu tento compreender mais a outra pessoa, sei lá, os defeitos, as qualidades, eu pelo menos faço. Acho que talvez no primeiro não tivesse feito tanta força, força assim...não no sentido de se sacrificar, mas sim de tolerância".

De início, preferia ter ficado algum tempo sem ninguém (o período entre um casamento e outro foi de apenas 4 meses), estava morrendo de medo de não dar certo novamente. Entretanto, acha que a expectativa é sempre que você faça melhor na segunda vez.

Falando sobre a enteada, diz que tentam sempre privá-la de qualquer tipo de sofrimento. Brigam na frente dos filhos (têm um menino e uma menina), mas não brigam na frente dela. Fazem compensações, tipo dão mais presentes para ela, sempre ganha mais roupas que os outros, como uma proteção. Até ela própria (a madrasta) faz isso.

A relação da ex-esposa de João com os novos filhos do casal é razoável, no momento. Uma vez levou-os para passear, juntamente

com a filha.

Quanto às visitas ao pai, a menina é quem decide. Às vezes vem quando não é muito oportuno para eles, porém aceitam, às vezes gostariam que viesse mas não vem.

João acha que é importante estarem fazendo o que gostam profissionalmente (o casal tem uma firma própria). "Tem muito a ver o lado profissional da gente, sabe. Eu acho que melhorou bastante e isso é importante. Porque nós dois não éramos satisfeitos com o que fazíamos. E acho que hoje em dia, a gente faz uma coisa que a gente gosta, ganhamos mais dinheiro, tudo, acho que mudou barbaramente, sabe".

Gostaria que a filha viesse morar com eles um dia. Por Nair não teria problema algum. Pela ex-mulher, no entanto, só se ela viesse a se recasar.

Família nº 2

Casal entrevistado: Paulo e Suzana
Ex-esposa de Paulo: Maria

Estão juntos há 6 anos, e têm 2 filhos em comum: uma menina de 4 anos e um menino de 3 anos. É o segundo casamento de Paulo, que tem uma filha de 8 anos do primeiro casamento, que durou 3 anos. A menina mora com a mãe em outra cidade. Suzana era solteira quando se casou com Paulo.

Conheceram-se crianças, eram namorados aos 12 anos, numa cidade do interior. Ele veio para a capital, casou-se com outra e mais tarde se separou.

Ela também veio para a capital, onde se reencontraram e reiniciaram o namoro.

A filha dele do primeiro casamento vinha de vez em quando passar o fim-de-semana com eles, mas recentemente houve um desentendimento e a mãe não a manda mais.

Na época do início do recasamento, a ex-esposa (que foi quem quis a separação) tentou uma reaproximação, ao perceber que ele estava com uma relação séria com outra. Como resultou em nada, mudou-se com a filha para o interior. "Primeiro ele não queria a separação, ela é quem queria. Depois que ele tinha acomodado a cabeça dele, aí ela que deu o chilique de querer voltar"(comentário da esposa atual).

Conforme o marido, não houve um motivo definido para terminar o primeiro casamento: "a gente pouco discutia, e pouco se falava". Acha até que teria terminado independente de quem fosse a primeira mulher, pois ele era muito diferente de hoje.

Quanto à filha, a quem adora e gostaria até que um dia viesse a morar com ele, acha que no momento tem atrapalhado o recasamento. Quando vem, conclui coisas, como restrições disciplinares, que leva para a mãe como se fosse recriminada pela madrasta, e como se fizessem uma discriminação entre ela e os outros dois filhos do casal. "E aí, a família toda fica fazendo fofoca. E ela se sente meio dividida, e sente que também tem que tomar um partido. E ela tomou uma posição contra! "

Quanto a relação com a ex-esposa, Suzana coloca que desde o começo gostaria de ter mantido um contato, mas que não foi possível. Maria não permitia a presença de Suzana e dos filhos nos aniversários da filha; Suzana, por sua vez, não permitia que o marido fosse sozinho. Por alguns anos portanto, o pai não esteve presente nessas ocasiões, pois se tentasse agradar a uma, causava um conflito com a outra. Recentemente no entanto, a situação se resolvera, pois Maria finalmente cedera, em vista de estar ela própria em vias de se casar novamente (posteriormente cancelou o compromisso).

Suzana reconhece que existe muita dor de cotovelo e ciúmes, também porque na época, financeiramente, ele tinha muito menos que agora. Maria fez até com que a menina pedisse um apartamento ao pai.

O conflito final que ocasionou o rompimento com a filha e ex-mulher, veio por se sentir essa última incapaz de deixar a filha com o pai para passar as férias, e dividir com ele Natal e Ano-Novo.

Quando a menina está com eles, está tudo bem. Quando está com a mãe, não quer vir, e não sabem o que é dito "do lado de lá".

O papel de pai se resumiu ao de dar coisas materiais. Até a situação do presentear, tem que ser feita com muito cuidado, pois se não for presente bom, é porque a "megera" (madrasta) é quem não quis dar.

No início do recasamento de Paulo com Suzana, Maria não havia se desligado do ex-marido, e era como se ela ainda estivesse casada. Qualquer coisinha, febre à toa, já ligava para ele. Isso aconteceu até que Suzana, aos poucos, foi mostrando a ele que essa ligação a chateava.

Família nº 3

Casal entrevistado: Lúcio e Helena
Ex-marido de Helena: Antonio Carlos

Helena e Lúcio estão juntos há 2 anos e meio, e têm uma filha em comum de 1 ano de idade. Este é o segundo casamento de Helena, que tem um filho de 3 anos e meio do primeiro casamento, o qual mora com ela e Lúcio. A duração do primeiro casamento foi de 7 anos. Lúcio era solteiro.

Quanto ao seu primeiro casamento, Helena teve muitas expectativas. "Apesar de saber que casamento não é cor-de-rosa, você ainda pinta mais de cor-de-rosa. No segundo, as coisas tem mais realidade para mim. Tem um monte de coisas que eu não pintei de cor-de-rosa."

Acha que algumas coisas são mais difíceis agora pela diferença de experiência entre ela e seu marido atual. Ela está no segundo casamento, e ele no primeiro. Ela já errou uma vez, e quer acertar agora, por isso, algumas vezes "ele está indo e eu estou voltando", o que não dá tempo a ele de entender o que está se passando.

Acha que os problemas do primeiro e segundo casamento não são tão diferentes, apenas, que é mais fácil para ela percebê-los do que para ele. "Às vezes, a gente cai no erro de comparar, fulano tinha isso que eu gostava, etc., e até por vezes quer pegar o bom do primeiro casamento, e unir com o bom do segundo, e aí você vê que está fazendo tudo errado".

Por outro lado, acha que é mais fácil o fato dele ser solteiro antes de se casarem. Sente-se à vontade de colocar coisas em sua cabeça que ele não viveu, e que considera certas, pelo menos para ela, e acha que talvez use isso como um jogo, para que ele se adapte melhor a ela. Acha engraçado que às vezes acontecem coisas exatamente como no primeiro casamento. "Se, por exemplo, o Lúcio demora prá chegar em casa, eu falo:

"Mas puta..! Eu não acredito que isso acontece agora...de novo, no segundo casamento..!" E as coisas são idênticas".

Acha que a comparação entre o primeiro e o segundo casamento deve parar com o passar do tempo, pois teve muito mais anos de convivência com o primeiro marido.

Quanto ao filho de seu primeiro casamento, confessa que se surpreendeu com a relação maravilhosa que existe entre ele e o padrasto. Pensava sempre que jamais tornaria a se casar, pois não conseguia imaginar que um homem aceitasse o menino e gostasse dele como seu filho. No entanto, é o que acontece com seu atual marido.

Seu primeiro casamento não deu certo pela diferença muito grande que havia entre os dois. Antonio Carlos gostava de estudar, ler, conhecer coisas, e ela não. Ficaram algum tempo no exterior, quando essas diferenças se tornaram mais visíveis, além de problemas de depressão do marido e dela própria. Ficou grávida, teve o menino, e também uma depressão pós-parto, o que dificultou mais ainda a relação entre os dois. Separaram-se o menino tinha apenas 9 meses.

Helena diz que nunca lhe passou pela cabeça que o primeiro casamento pudesse não dar certo. "Anseios dele diferentes dos meus. Ele queria muito que eu fosse uma pessoa que eu não era".

O final do casamento foi marcado por muita rejeição, a tal ponto que emagreceu 15 quilos em pouco tempo.

Procurou então alguém que a curtisse exatamente como era, com todas as suas limitações, pois sentia que tinha um monte de coisas boas também para dar.

Lúcio parou de estudar e resolveu trabalhar desde cedo. Sentiu muito a separação de seus pais e a falta de atenção deles. De repente, de uma situação boa que tinha em casa, passou para

uma situação muito ruim.

"Então eu só trabalhei, só trabalhei, e por isso talvez a minha relação boa com o filho de Helena. Eu acho que faltou tanto prá mim que talvez eu queira suprir, prá não faltar para ele".

Outra dúvida de Helena foi em relação à filha que teve com Lúcio: pensava se iria gostar de seu segundo filho como gostava do primeiro. Imaginava que com o tempo, isso aconteceria e que era uma preocupação de mãe, no entanto, o mesmo sentimento foi expresso por Lúcio, quando ainda estava no hospital: será que ele gostaria tanto da filha como gostava do filho do primeiro casamento de Helena, seu enteado.

"Foi uma coisa que marcou de uma emoção...foi a coisa mais linda que eu lembro depois do meu parto. Como o Lúcio, que não é pai de meu filho, podia ter uma sensação, um sentimento, que só eu, como mãe, podia sentir?"

Lúcio explica dizendo: "Eu sempre gostei de crianças. Mas nunca gostei tanto assim como eu gosto do Júnior, que é meu filho. Ele não é meu filho...mas é meu filho".

O menino vê o pai verdadeiro umas duas vezes por semana, quando este vem vê-lo à noite. O local onde o pai morava até recentemente não oferecia condições de passarem o fim-de-semana juntos,principalmente porque o menino não podia mexer em nada. Agora mudou-se para um apartamento, o que talvez propicie ficarem mais tempo juntos.

As visitas de Antonio Carlos ao menino, de início, chocavam bastante tanto Lúcio quanto Helena. Lúcio não gostava de chegar em casa e encontrar o ex-marido de Helena.

Helena,por sua vez,diz que para ela era ainda pior, pois continua morando no mesmo apartamento em que morava com o

ex-marido. "Eu tinha duas sensações: de morte e de vida. De morte era assim: olhava Antonio Carlos e pensava: "Meu Deus, isso aqui já foi dele"...ao mesmo tempo assim: "Bom... a escolha foi dele, ele quem quis...hoje em dia não é mais dele", acho que deve ser uma coisa horrorosa".

Era mais difícil ainda quando o menino era pequeno, e ele entrava no quarto para brincarem juntos. Imaginava como ele estava se esforçando para estar com o filho brincando, porém, sentia uma sensação de invasão de ambiente, que no fim, percebeu que era o que de fato acontecia. Era uma invasão para ela e para o Lúcio. Aos poucos, foi então cortando e trazendo o menino para a sala. Lúcio, por sua vez, tentava compreender a situação: "Eu tinha que entender. Não podia nunca deixar de entender. Eu achava que devia ser muito mais difícil prá ele, que tinha saído daqui, e continuava sozinho".

Essa perspectiva o ajudava a encarar melhor esses momentos desconfortáveis.

Helena mantém um excelente relacionamento com a família do primeiro marido. Sua ex-sogra veio lhe visitar quando teve a menina, (de seu segundo marido). Sua cunhada também, e diz que lhe deram a maior força quando da separação. Sente que a única coisa não bem aceita pela sua ex-sogra é que o menino chama de "vó" a mãe de seu atual marido, o que provoca ciúmes por parte da avó verdadeira.

Os pais de Lúcio também aceitam muito bem o filho do primeiro casamento de Helena, sendo considerado um neto como os outros.

O pai de Lúcio demonstrou dúvidas quando o filho quis se casar com uma mulher separada e com filho, chegando até a preveni-lo contra. Mais tarde, porém, principalmente pelo apoio dado por Helena, quando Lúcio teve problemas financeiros, mudou de opinião e hoje é grande amigo da esposa do filho.

Família nº 4

Casal entrevistado: Eduardo e Laís
Ex-esposa de Eduardo: Sandra
Ex-marido de Laís: Gilberto

Laís e Eduardo estão juntos há 2 anos e meio, e não têm filhos em comum. O primeiro casamento de Laís durou 6 anos, e ela não teve filhos. O primeiro casamento de Eduardo durou 14 anos, e ele tem um filho de 9 anos, que mora com a mãe.

O final do casamento dela foi sem explicação nenhuma por parte do marido. Simplesmente um dia ele resolveu ir embora. Ela ficou até doente. "Foi mais difícil o estar sozinha do que a parte afetiva da separação". O recasamento foi muito tranquilo e desejado, pois já estava bem de novo.

Resolveram morar juntos depois de algum tempo, como o melhor para os dois, pois estavam sempre um no apartamento do outro, tendo que levar roupas, etc.

Laís acha que a parte negativa do filho de Eduardo é a ligação muito forte que provoca entre ele e sua ex-esposa. Até pela parte financeira mesmo, pensão, e toda a preocupação de uma coisa que não é de seu lar.

Sente ciúmes também da relação pai-filho pelo fato de não ter filhos seus. A parte positiva é tudo de gostoso que uma criança traz, vivacidade, etc.

Para Eduardo foi uma surpresa o recasamento, pois não pensava casar novamente. Achava também que a separação do primeiro casamento já estava resolvida, no entanto percebeu que ainda havia alguns "ganchos", quando iniciou o segundo casamento. Gostaria de ter mais convívio com o filho. Acha linda a troca que existe entre um pai e um filho.

Laís diz que o primeiro momento em que o menino vem às vezes é meio confuso, não têm com quem deixá-lo se querem sair à noite, porém na hora dele ir embora, fica com pena. Durante a semana entra na rotina de novo, sem filhos, e recomeça tudo novamente no fim-de-semana seguinte.

Eduardo no início do namoro se sentiu muito confuso quanto ao filho: "de princípio eu tinha uma dificuldade muito grande de separar...parecia que quando eu tava com ele, eu tava deixando ela de lado, ela parecia que tava emburrada por causa disso. Ou se eu dava uma atenção prá ela, parecia que eu tava deixando o garoto...abandonado".

Mais tarde, a situação concreta do filho vir passar o fim-de-semana com eles também foi difícil, pela interferência física do menino, que insistia em vir dormir com eles na mesma cama. Para o pai, era uma violência até fechar a porta do quarto. Até que Laís aos poucos foi mostrando que se o mesmo acontecesse com sua primeira esposa, mãe do menino, Eduardo não hesitaria um minuto em tirá-lo da cama. Daí prá frente foi mais fácil.

O relacionamento do casal com a ex-esposa é apenas social, por delicadeza mesmo. Ela até convida para um cafezinho, etc, no entanto a situação é sempre constrangedora e por isso o casal agora evita.

"Acho que a medida que cada um vai ficando no seu canto, a coisa fica mais tranquila, sabe. Porque eu acho que nessa de se dar bem, se força às vezes uma barra que não fica natural. Por exemplo, o filho dele, eu sinto assim...que ele é totalmente diferente quando tá comigo e ele, e quando junta a mãe. Quando acontece de juntar todo mundo, ele evapora, na maior parte das vezes, entendeu? Ou ele fica por ali...mas não se chega, nem prá um lado nem pro outro. Então não dá prá fazer de conta que é uma casa qualquer. Não é".

Quanto à relação de Laís com a família de seu ex-marido, diz que não sabia como agir de início, e que até telefonava às vezes. Seu ex-marido, no entanto, se sentia extremamente incomodado com isso, ao ponto de lhe pedir para não ter mais contato com eles.

Eduardo teve um relacionamento de 2 anos após sua separação do primeiro casamento, que trouxe muita briga, desavença, e magoou muito, devido a ligação que ainda existia entre sua ex-esposa e ele. Sua namorada não aceitava, e não deu certo também por isso.

Já no namoro com a atual esposa, desde o início conversavam muito, e ela aos poucos foi mostrando as "pendências" que tinha com sua ex-mulher.

A relação de Laís com o filho de Eduardo tem sido bastante gratificante, até mesmo porque tinha uma imagem de criança muito negativa. Sente que o menino ainda não sabe definir o que ela é para ele (diz apenas "a namorada do papai", pois não houve casamento). Ele se aproxima fisicamente de forma bem disfarçada, tipo luta, brincadeiras; mas é incapaz de vir e sentar no colo.

Eduardo em seu primeiro casamento teve muitas expectativas. Foi tudo muito bem, com viagens, etc, até sua ex-esposa começar a questionar o casamento, a saída dos dois de sua cidade natal, a relação em si. Confessa que foi sempre muito fechado, não comunicava as coisas que não gostava, e que só foi descobrir o quanto depois. Nunca quis se voltar para si mesmo, e enxergar coisas que não queria. A ex-esposa fazia terapia e queria que fizesse também, porém só depois de muito tempo, quando o casal já estava bem distante um do outro, resolveu fazer um curso de desenvolvimento pessoal. "Acho que o grande lucro que eu tirei desse negócio todo, foi eu descobrir que eu existia, e que eu valia alguma coisa. Aí eu passei a falar das coisas que eu não falava".

Até ali era tipo marido da ex-esposa, pai de seu filho, as coisas na casa toda eram o que sua ex-esposa escolhia, e assim por diante.

Depois disso então, passaram a ter longos papos de coisas muito íntimas que ficavam sempre em sua cabeça: "a gente passou pelo período de grandes discussões diárias ao período de acusações mútuas: "você é culpado disso, você é culpado daquilo". Até chegar o momento em que ela reconheceu coisas, e eu reconheci coisas. Então, aparentemente, estava tudo resolvido. O casamento completamente vazio. Aí,...eu fui embora".

Acha que valeu a experiência, e que foi um crescimento muito grande para ele. De início, sua ex-esposa é quem queria a separação. Quando ele decidiu se separar, no entanto, ela tentou uma reconciliação, que não foi aceita por ele.

Existe uma dependência econômica hoje, porém a pensão é apenas para o filho. O apartamento, no entanto, ficou com a mãe do menino.

Laís tinha muitos receios sobre seu primeiro casamento, mas o envolvimento foi muito forte, principalmente a recusa dos pais em aceitá-lo, o que os uniu mais ainda.

O casamento durou até o momento em que ela começou a ficar mais independente, até mesmo nas coisas dentro de casa, que eram decididas apenas por ele. Sentiu que o crescimento que teve como pessoa foi o início do fim, pois passou a questionar coisas que o marido não gostava de falar. Ele se recusava terminantemente a discutir e falar sobre o que quer que fosse. Ela insistiu muito, sem resultados. Um dia ele saiu de casa sem a menor explicação.

Sua família hoje adora seu segundo marido, e se dão muito bem com ele.

Família nº 5

Casal entrevistado: Luis e Cynthia
Ex-esposa de Luis: Dalva

Cynthia e Luis estão juntos há 6 anos e não têm filhos em comum. Ele já foi casado anteriormente, por 12 anos, e tem duas filhas, de 15 e 16 anos, que estão morando com o casal há bem pouco tempo. Antes moravam com a mãe. Este é o primeiro casamento de Cynthia.

Conheceram-se no trabalho, e o casamento de Luis já não estava bem. Luis acabou se separando de Dalva, depois de muitas brigas e afastamento gradual do casal, e após um ano foi morar com Cynthia. Sofria muito com a separação das filhas no entanto, e passado algum tempo, ele e a ex-esposa tentaram uma reconciliação. A tentativa durou cerca de um ano, quando se separou definitivamente. Casou-se com Cynthia, e há pouco tempo mudaram-se para outra cidade, onde recebiam as filhas dele nas férias e duas vezes por mês. Recentemente as meninas vieram morar com eles, após uma briga com a mãe, porém não estavam felizes com a situação, sendo que uma delas já estava querendo voltar.

Para Cynthia, apesar de gostar das filhas de Luis, foi muito difícil no início do relacionamento receber as meninas todo o fim-de-semana. Luis trabalhava muito durante a semana, e Cynthia ficava chateada por não poderem fazer nenhum programa sexta-feira ou sábado, pois não podiam deixar as filhas dele sozinhas. Acha que essa situação talvez tenha contribuido para a tentativa dele de reconciliação com a ex-esposa.

Luis, por sua vez, diz que da primeira vez em que foi morar com Cynthia, não estava pronto para "entrar noutro relacionamento". Estava muito imaturo ainda, e perturbado com o término de seu casamento e preocupação pelas filhas. Acha que sua relação com Cynthia só começou mesmo da segunda vez em que foram morar juntos.

Cynthia acha que a mudança de cidade foi excelente para eles como casal,pois os problemas com a ex-esposa de Luis "ficaram mais distantes".

Por muito tempo as duas não se falavam, até o momento em que, por causa das crianças de Luis, Cynthia procurou Dalva.

A experiência das filhas de Luis morarem com eles está sendo bastante difícil para ambos os lados. Cynthia sabe que ter as filhas perto dele, sempre foi o sonho de Luis, porém quem lida com elas no dia a dia é ela.

Sente seu espaço invadido pela presença das duas, além de ter que servir de cozinheira, motorista, etc, pois não estão acostumadas a sair sozinhas ou de ônibus. Ficam penduradas horas no telefone, o que também a aborrece, pois não pode receber ligações de ninguém. Além disso, tem uma maneira de pensar sobre disciplina bem diferente da mãe delas, sendo que o comportamento das meninas em sua casa a deixa em constante irritação, que tenta controlar para não chatear o marido. Sabe como é importante para ele ter as filhas ao seu lado, e por isso se esforça para contornar a situação, mas as meninas, por sua vez, não aceitam muito sua autoridade, o que complica mais ainda a relação.

Luis é extremamente apegado às filhas, e não pode sequer pensar em viajar com Cynthia sem que elas estejam junto.

A ex-esposa de Luis sempre usou as meninas para agredi-lo e isso o aborrecia muito. Brigam muito entre si, e mãe e filhas chegam até a se agredir fisicamente, o que levou as meninas a mudar para morar com o pai.

Luis sabe que está errado, no entanto, deixa que as filhas façam tudo o que quiserem, e lhes dá tudo o que pedem.

No momento Cynthia está tentando engravidar, porque além de querer ter um filho seu, acha que só um outro filho poderá fazer Luis se desligar um pouco das filhas.

Família nº 6

Casal entrevistado: Mário e Maria Helena
Ex-esposa de Mário: Joana

Mário e Maria Helena estão juntos há 10 anos, e têm 2 filhos em comum: uma menina de 9 anos e um menino de quase 2. Além deles moram com o casal, desde o início, os 3 filhos do primeiro casamento de Mário: uma menina de 14 anos, um menino de 13 e outro de 12. Seu primeiro casamento durou 5 anos. Este é o primeiro casamento de Maria Helena.

O namoro entre Mário e Maria Helena começou quando ele ainda estava casado. Quando se separou e foram morar juntos, no entanto, estava muito seguro de que era isso o que queria.

Os filhos ficaram com ele, por opção de sua ex-esposa. Eram muito pequenos, (2,3 e 4 anos) e Maria Helena se viu mãe de três crianças ao mesmo tempo em que se adaptava ao casamento com o marido.

Mário, desde o início, teve dificuldades de se relacionar com a família de Joana, sua primeira esposa. Joana não se dava bem com a mãe, e foi até morar com uma tia por causa disso. A relação dos dois foi bastante tumultuada pelos problemas familiares.

"O relacionamento entre duas pessoas pode até ser muito bom, mas quando envolve outras pessoas, a coisa fica...meio complexa".

Mário acha que o casamento é um envolvimento não só entre duas pessoas mas entre duas famílias. Marcou muito tanto no primeiro quanto no segundo casamento.

A mãe de Mário nunca aceitou seu primeiro casamento, e sempre que podia, dificultava ainda mais com sua interferência. Teve a mesma atitude quanto a seu segundo casamento, talvez por Mário ser seu único filho, e não querer reparti-lo com ninguém.

A família de Maria Helena também não aceitou seu casamento com Mário, e tentou de tudo para impedir. Porém aos poucos foram se acostumando com o fato, e acabaram se adaptando.

Mário acha que o fato de ter tido três filhos um em seguida do outro, pesou muito na separação do primeiro casamento. "Os filhos têm muita responsabilidade no relacionamento do casal. É um motivo muito grande. Você...claro, adora um filho, quer todo o melhor para ele, procura fazer tudo".

Acha também que faltou maturidade e considera esse um dos motivos do casamento não ter dado certo. "Ficou difícil. Eu por exemplo, como pai, eu não cheguei a dar a atenção devida. Naquele momento eu tinha uma certa idade em que a vida profissional me absorvia muito mais".

Quanto a manter uma relação aberta com a ex-esposa, nunca achou que deveria existir, pela interferência que traria ao recasamento.

Maria Helena diz que não foi fácil receber três filhos de uma só vez, mas gostava muito das crianças. O que a aborrecia é as crianças saírem de 15 em 15 dias para ver a mãe. Esse contato era também a forma da ex-esposa de Mário se comunicar e demonstrar seu humor. "A semana que ela soube que eu estava grávida, ela mandou as malinhas com tudo sujo dentro, ainda com areia de praia nos calções...eu fiquei louca, eu queria morrer. Ela queria me atingir de qualquer forma, sabe...foi o que eu entendi com isso".

Maria Helena sempre tentou um diálogo com Joana, até mesmo pelas crianças. Foi sempre muito difícil, no entanto, e houve muita mágoa por causa disso. Conta que faz muito tempo que as coisas começaram a se assentar. Isso só aconteceu quando percebeu que não dava certo um relacionamento entre as duas, e cortou qualquer contato.

As crianças, por sua vez, percebiam que comentários não eram bem-vindos, e não contavam o que era dito "do lado de lá".

O problema maior era a filha do casal, que não entendia porque os três irmãos saíam de casa a cada 15 dias, e ela não. Chegou a ir junto, numa dessas visitas, porém nunca mais quis ir.

Resolveram ter o segundo filho pela dificuldade da menina lidar com a situação. Com a chegada do menino houve maior equilíbrio na família, pois não eram mais "3 contra 1".

Maria Helena conta que suas expectativas quanto ao recasamento eram de que tudo daria certo com as crianças, ela as faria ficarem "gordinhas e felizes", e não haveria problema algum com a ex-esposa de Mário. "Achava que eles iriam me adorar, que eu iria ser a mãe deles, e que a mãe deles passaria a não existir para eles. Isso eu achava mesmo! E depois...a vida foi me mostrando que não era nada daquilo. Que eles tinham uma mãe, que a mãe existia, e que eles iam continuar gostando da mãe".

Quando acontecia alguma coisa entre a mãe e as crianças, Maria Helena reagia contra Mário, pois achava que ele tinha que tomar uma atitude e que ela não tinha o direito de fazer isso com as crianças. Mário no entanto, ficava firme em seu propósito de não manter contato nenhum, e se recusava a tomar partido, o que fazia com que ele e Maria Helena brigassem às vezes.

Maria Helena também se ressente um pouco de Mário por não falar mais com os filhos sobre sua separação da mãe deles, como aconteceu, e porque. As crianças perguntam e ela não acha certo ser a única a falar, mesmo porque, as crianças querem saber dele, que é o pai delas, o que aconteceu.

Mário acha que as pessoas não deviam começar a namorar cedo, pois se chegam a casar, não vão ficar satisfeitas. Além da imaturidade, existem os aspectos da profissão, situação financeira, e pouco envolvimento com os filhos.

Sentiu bastante o lado financeiro de ter que reconstruir tudo no recasamento - comprar outra casa, outro carro, e ter despesas que já tinha tido anteriormente e teve de abrir mão. Mário pagou pensão à Joana por um ano, e parou depois disso por estar já com a custódia das crianças.

Na partilha de bens Mário deu um imóvel para a ex-esposa, e diz que hoje não faria isso. "Ela o jogou fora, gastou o dinheiro todo. Hoje já faria diferente, colocaria tudo no nome dos filhos".

Maria Helena pensa que a situação não é tão simples assim. "Conheço uma mãe que o ex-marido deixou tudo no nome dos filhos, e a deixou numa situação péssima, ao ponto dos filhos falarem prá ela: "não tá satisfeita, pode sair de casa, a casa é minha!".

Mário acha que no seu caso, até que as coisas não foram tão complicadas, comparando com outros que tiveram muito mais dificuldades tanto na separação quanto no recasamento. Sente que a situação ficou mais cômoda para ele, pois tem os filhos junto. Foi difícil sim, mas aos poucos tudo foi sendo resolvido.

Maria Helena sentiu muito deixar sua vida profissional parada, devido a necessidade de ficar em casa como mãe e dona-de-casa. Hoje se sente gratificada por isso, mas na época a mudança foi bastante brusca.

Para Mário, o recasamento foi um crescimento em vários sentidos, principalmente no plano emocional: "o aspecto do amor foi muito importante no meu recasamento, pois essa parte ainda não estava muito desenvolvida no meu primeiro relacionamento".

Família nº 7

Mulher entrevistada: Marina
Marido atual: Pedro
Ex-esposa de Pedro: Luisa

Marina e Pedro estão juntos há 13 anos, e têm um filho em comum de 6 anos. É o primeiro casamento de Marina, que tem um filho de 16 anos que também mora com o casal. Pedro já foi casado antes e tem 2 filhos do primeiro casamento, de 15 e 17 anos, que atualmente moram com a mãe. Seu primeiro casamento durou 5 anos.

Quando começou a namorar Pedro,Marina sentiu sua ex-esposa ainda muito envolvida com ele, apesar de ter também outros namorados. Ligava para pedir para consertar a geladeira, quando estava triste, etc. Usava muito as crianças para chamar a atenção, apesar de na verdade nunca se preocupar com elas. "Primeiro eu, depois o resto, se eu estiver bem, o resto vai estar bem". O motivo do primeiro casamento de Pedro não ter dado certo foi a diferença de personalidade dos dois. Ela querendo sair, ir a festas, ele querendo ficar em casa, curtir a família.

Assumiu muito então as crianças do marido, e essas de início se chegaram muito a ela, quando eram pequenas. Vieram morar com eles por seis anos quando a mãe foi para outro lugar. Acha no entanto que para seu marido é mais fácil o papel de pai para seu filho, pois não existe outro pai (teve esse filho com 15 anos de idade), enquanto que para ela ser mãe de seus dois filhos, existia a mãe, e a competição. "Eu nunca tive ciúmes dela a ex-mulher, meu ciúmes é dela mãe".

A diferença de disciplina era muito grande, a mãe liberal demais e a madrasta ensinando que deviam ter responsabilidades, e se preocupando com sua formação. Quando a mãe retornou da viagem, os meninos pediram para voltar a morar com ela, e Marina se magoou muito com isso. "Aí eu senti muito, me senti assim extremamente diminuída, assim...derrotada. Depois tentei, acho que

tentei ainda continuar a ser a segunda mãe daqui, realmente não aceitaram e hoje eu...são meus enteados, quando eles precisam eu estou aqui, mas...espontâneamente como antes, não".

Seu próprio filho sentiu muito a falta dos irmãos, porém o filho do casal nem tanto, pela diferença de idade.

Não sente que o casal tenha tido problemas de relacionamento um com o outro, e sim, problemas com os filhos. Da guarda deles, de terem que entrar na justiça, que deu ganho de causa a eles, porém a mãe os pediu de volta, para devolver logo depois. Acha que isso causou um desgaste muito grande à família.

Marina acha que quando os meninos vieram morar com eles, a mãe estando fora da cidade, era muito melhor. "Não tinha ninguém prá ficar "tudo bem? Ela te tratou bem?".Quando ela estava junto, sempre surgia esse tipo de coisa. Porque sem querer, eles extravasavam: "Ah! a mamãe me perguntou e eu disse isso.".

Anteriormente, todo o contato com a ex-esposa de Pedro era através de Marina, até pensão, e isso dificultava muito a relação. "Eu fico a figura que marca, a figura que decide tudo, sou tipo "a chata". Não é bom. Tá ótimo do jeito que está. Hoje o papo é prá dar parabéns no dia do aniversário e Feliz Natal no dia do Natal. Acho ótimo, isso prá mim só melhorou. É desgastante isso prá um relacionamento, e isso eu agradeço por ter parado".

Luisa já teve um casamento que não deu certo, e no momento está novamente casada. Marina acha entretanto, que ela está bem apenas enquanto durar o casamento dela. "Tenho certeza que se acabar o casamento ela tem aquela doideira de novo. Como ela está bem com ele, ela está bem".

Os pais de Pedro tinham horror à ex-esposa dele, e adoram Marina, apesar de Marina achar que adorariam a qualquer outra que estivesse em seu lugar, contra a "ex".

Marina nunca teve expectativas quanto aos filhos de Pedro no início do recasamento, e sim depois, quando vieram morar com eles. "Aí eu esperava que fosse realmente ser considerada a mãe mesmo e que não sairíam mais daqui, e aí tive expectativas nesse sentido. Mais do que eu deveria ter tido, acho que eu fui...eu esperei realmente que fossem como o meu próprio filho Nando, e não existe isso. Esperei que fosse...não substituir, mas eu diria até que eu achava que poderia existir paralelamente, amando igual, sendo igual...utopia. Não existe. Se morasse longe era mais fácil, mas no mesmo lugar não dá. Vai sempre comparar, vai sempre...não sei".

Marina queria muito se dar bem com os meninos, e acha que foi isso que estragou tudo. "Acho que o que mais me marcou sempre foi isso. Sabe, eu querer...eu queria que eles gostassem de mim. Eu tentei, eu fiz tudo,igualzinha eu era pros meus dois filhos. Mas não adianta, eles nunca vão sentir você mãe, aqui do peito. Quando ela estava no exterior, até que eles sentiam. Até no colégio, quando falavam, "você tem uma outra mãe?" eles falavam: "Tenho, mas a minha mãe é ela".

A relação com os meninos hoje, que não estão mais vivendo com eles, é muito difícil, cheia de mágoas, não tem mais a intimidade de antes, quando tudo era discutido com eles.

Concorda que era bastante severa em termos de disciplina sim, mas acha necessário para uma boa formação, e faz o mesmo com seus próprios filhos. "Mas não dá certo no papel de madrasta, as crianças não entendem".

Como último dado, coloca o seguinte:

"Hoje, se eu começasse de novo, não tentaria ser a mãe deles. Também não aceitaria que me fosse delegado o poder de disciplina sobre eles. Foi a única hora em que me desgastei muito, sempre".

Família nº 8

Mulher entrevistada: Silvia
Marido atual: Antonio
Ex-marido de Silvia: Carlos
Ex-esposa de Antonio: Helena
Esposa atual de Carlos: Beth

Silvia e Antonio estão juntos há quase 3 anos e não têm filhos em comum. O primeiro casamento de Silvia durou 13 anos, e ela tem uma filha de 13 anos e outra de 8 anos desse casamento, que moram com ela e Antonio. Seu ex-marido casou-se com outra e não tem filhos do segundo casamento. Antonio esteve casado por 14 anos, e tem 3 filhos do primeiro casamento, que moram com a mãe. Sua ex-esposa não se casou novamente.

No início de seu primeiro casamento, Silvia sentiu muita interferência da sogra, e dependência do marido com a mãe. Não se sentia realizada como companheira, mulher, "parecia a mãe dele, ao mesmo tempo que tinha que ter o alvará dela para tudo".

O ex-marido teve um infarte, e mudou muito seus valores depois disso. Pouco tempo depois, separou-se dela e foi morar com outra mulher 16 anos mais jovem, que conhecera há pouco.

"Então, o meu primeiro casamento terminou de maneira imatura, inconsequente, não teve um final, teve mais um impulso, que vinha de tempos, e a famosa gota d'água. Porém não ficou bem resolvido para ambas as partes."

As filhas ficaram traumatizadas e não aceitam, até hoje.

Na parte financeira tudo mudou, pois ficou sozinha na firma que tinha com o ex-marido, além da empregada que estava com eles há anos ter ido trabalhar para o ex-marido.

Conheceu o marido atual e foram morar juntos logo em seguida à separação de seu primeiro casamento. "Como os dois tivemos mais ou menos a mesma experiência no primeiro casamento, o mesmo sofrimento, a gente acha que nós não podemos errar na segunda vez tanto. Então a gente se cuida muito, mas a gente fala tanto e organiza tudo".

Antonio se separou da primeira esposa porque ela não lhe dava apoio, principalmente quando seus negócios não estavam bem. Ela tentou uma reconciliação quando soube que estava se recasando, porém não deu certo. Ficou então com muita raiva, e a partir daí, houve muitas dificuldades na relação com os filhos desse casamento, os quais não vê há cerca de um ano. Ela não quis casar-se novamente.

Silvia diz que a nova esposa de seu ex-marido, Beth, manda recados pelas filhas quando essas vão ver o pai, e que não gosta disso. Acha que se não houvesse o vínculo dos filhos, estaria felicíssima no recasamento.

Acredita que seu ex-marido esteja sendo manipulado pela nova mulher, porque ela própria o fazia quando eram casados.

Não são casados legalmente, porém para ela, casar é estar junto, não é o casamento de papel passado. Não gostaria de viver sozinha.

O ex-marido é ótimo pai, e as meninas sempre sentem sua falta quando voltam para casa. Aí seu marido atual tenta alegrá-las, brincando, dizendo piadas, etc. No entanto, as meninas não aceitam muito a imposição do padrasto a nível educacional. "Elas acham que ele não é o pai delas, então elas deixam meio claro isso. Elas ficam chateadas se ele vai e interfere em alguma coisa brutalmente, tanto é que ele não faz, ele tenta mostrar com exemplos, conversando, assim prá elas verem o outro lado, o que tá faltando de educação".

A relação com os filhos do marido atual é inexistente. De início foi muito difícil, criticavam a comida diferente, a disciplina, e ela resolveu cortar relações com eles. Não conseguia entender as "fofocas" dos filhos para a mãe deles, e isso a chateava.

Sente ainda muita mágoa do primeiro marido, de ter se desfeito o casamento, e diz que não queria que tivesse sido assim. Tem certeza de que teriam ficado juntos, caso tivessem mantido uma amizade. Acha que o que aconteceu com ele é típico de um país latino, onde a mulher é vista como uma bonequinha sexual.

Sente-se hoje em seu recasamento como uma mulher, não mais como mãe. Procurou no segundo marido a seriedade que o primeiro não tinha, e proteção. Sente-se mais leve nessa relação, está tentando construir mais, não destruir.

"Eu acho que o recasamento é a comprovação de que a gente é falível, e que esse legado que a gente tem de sentar no trono do casamento e nem olhar e nem cultivar aquele brotinho, tirar as ervas daninhas, como eu fiz...eu simplesmente achei que a terra era para o resto da vida. Então eu não precisava cuidar, estava ali do lado, entendeu?" Acha que se deve cuidar do relacionamento diariamente, e aprender a ceder.

Família nº 9

Pessoa entrevistada: Clarisse
Marido de Clarisse: Jairo
Ex-esposa de Jairo: Vânia

Clarisse e Jairo estão juntos há 10 anos, e têm um filho de 6 anos de idade. Jairo já foi casado anteriormente por 5 anos, e tem 2 filhos desse primeiro casamento: um menino de 14 e outro de 12 anos, que moram com a mãe em outra cidade. Clarisse era solteira quando se casou com Jairo.

Trabalhavam juntos na época em que o primeiro casamento dele estava mal, e conversavam muito a respeito de seus problemas. Clarisse o criticava por seu comportamento, que considerava errado em relação a sua esposa e filhos.

Eram apenas amigos, até que começaram a namorar por acaso, e se apaixonaram.

Quando Jairo se separou de Vânia e foi morar com Clarisse, Vânia achou que esta fora a responsável pelo casamento não ter dado certo. "...não era bem assim. Mas eu nunca consegui botar isso na cabeça dela".

Vânia não aceitou nunca o fato de que seu casamento com Jairo já estava acabado, e a relação entre ela e Clarisse sempre foi de inimizade total por isso. "A gente voltou a se falar justamente por causa das crianças. Eu tomei a iniciativa de ligar prá ela e falar que os meninos não estavam bem, e que precisavam de ajuda profissional".

No início do recasamento, quando os filhos de Jairo eram pequenos e vinham passar o fim-de-semana com eles, davam-se muito bem. Clarisse não tinha filhos, e gostava muito dos meninos, que a adoravam. Só choravam na hora de ir embora, quando se escondiam para não ir.

Sempre quiseram vir morar com eles, e chegou a haver uma tentativa do mais velho. Após a matrícula feita na escola, entretanto, e estar tudo acertado entre os pais, ficou com pena da mãe, e não quis mais ficar.

Vânia (ex-esposa de Jairo) vive hoje muito fora de casa, e os meninos são criados pelas empregadas. Brigam muito, batem um no outro, e até no próprio pai. Gostam do irmão mais moço, do casamento do pai com Clarisse, porém tem muita revolta contra ele.

Quando vêm visitar o pai, batem muito no novo irmão, e há pouco tempo o machucaram na cabeça de tal modo que o menino precisou levar pontos. O pequeno, por sua vez, que anteriormente adorava os irmãos mais velhos, agora está com medo deles.

Nessa última briga Clarisse, pela primeira vez interferiu e deu um tapa no enteado que causou o problema. Desde essa época, as duas famílias estão de relações estremecidas. "...eles não têm limites". Clarisse sofreu muito com isso, e acha que é um problema de falta de educação.

A primeira esposa de Jairo não teve apoio da família dele. Havia muita disputa entre as cunhadas e Vânia. Quando Jairo e Clarisse começaram a namorar, os irmãos de Jairo vieram lhe procurar dizendo que sabiam que não era a responsável pelo rompimento do casamento, que ele nunca devia ter casado com Vânia, etc.

Clarisse tinha todo o apoio que a primeira esposa não teve, porém sentiu um certo preconceito pelo fato de não serem casados oficialmente. Por isso, e também pela interferência demasiada em sua vida e de Jairo, afastou-se um pouco deles, e achou que foi bem melhor para ambos.

Não são casados oficialmente, e não sentem a necessidade agora.

Clarisse acha que para o recasamento ser uma boa união, o primeiro casamento "tem que estar bem terminado". Se existem filhos, não se pode enterrar tudo o que houve, tem que haver o respeito.

"Eu tive muitos problemas de cuca, porque você acaba transferindo para você uma série de problemas que não são seus." No entanto, acha que cresceu demais durante o casamento: "a gente devia sempre tirar algum proveito de tudo aquilo que se teve. Tudo bem se você rompe aqui, mas quando você partir para um outro casamento, você parte mais experiente, já tem uma série de erros que você cometeu e que vai tentar evitar, ou uma série de falhas que você tinha que você vai tentar melhorar. De qualquer forma, é um crescimento".

Família nº 10

Mulher entrevistada: Tania
Ex-marido de Tania: Luis
Ex-esposa de Luis: Maria

Luis e Tania ficaram juntos 6 anos, e tiveram 2 filhos desse casamento: um menino de 5 e uma menina de 3 anos de idade. Estão separados há um ano. O primeiro casamento de Luis durou 8 anos e ele tem 2 filhos desse primeiro casamento: um menino de 17 e outro de 13. Sua ex-esposa casou-se novamente. Tania era solteira antes de se casar com Luis.

O segundo filho de Luis e Maria veio como um estímulo para ver se o casamento continuava. Não deu certo, e logo depois se separaram. Nessa época já estava com Tânia, que diz que ele sentiu muito pelos filhos a separação.

Tânia diz que não foi a causa do rompimento, pois o casamento já estava mal. "Tem muita gente que fica..."porque a outra...tirou o meu marido"..., eu acho que quando um homem procura outra mulher é porque ele não tem mais nada com a outra. Porque se o casamento é sólido, se ele gosta da mulher, não é nenhum casinho que vai fazer ele desmanchar uma família inteira."

A família de Tânia não aceitava o seu casamento com um homem desquitado, e como seu pai estava muito doente, Tânia tinha que mentir toda vez que saiam juntos. Seu cunhado se recusava até de cumprimentar Luis.

Tânia não se dava bem com os dois filhos de Luis. Era jovem e sem filhos, achava "um saco" não poder sair nos fins-de-semana, quando as crianças vinham ver o pai, e exigia que tivessem disciplina o tempo todo. "Então a gente quebrava altos paus por causa das crianças. Eu queria me meter na vida das crianças , tipo não faça isso, não faça aquilo, mas eu não falava assim. Eu falava brava: "eu não quero! a casa tem que

ficar arrumada!" Luis chegou a lhe dizer preocupado que se continuasse assim, seus filhos não iam mais querer lhe ver, pois sabiam que iriam encontrá-la no apartamento, e ela estava sendo para eles como uma bruxa. "Hoje eu sei que eu fui. Hoje eu sinto. Porque hoje eu tenho filhos, e então eu mudei muito. Depois que a gente é mãe, a gente fica outra".

Tânia se arrepende até hoje, e acha que as crianças de Luis sofreram muito na época. Eram muito pequenos, a mãe trabalhava fora, e quando tinham poucas horas de carinho do pai, tinham também toda a incompreensão e raiva da namorada do pai.

Casaram-se e tiveram dois filhos.

A vida profissional de Luis, como de todo o artista, era muito instável, e isso aos poucos começou a abalar o casal.

"Quando você tem 15 anos, você acha que uma barraca e o teu amor é o suficiente. Quando você vai ficando mais velha, que você tem filhos, e que você tem uma série de coisas para resolver, e que falta realmente a grana, aí as coisas mudam".

Por medo da reação de Tânia, Luis começou a mentir quando perdia o emprego, ou trocava de firma. Tânia se sentia muito insegura com isso, e esse foi o motivo da separação dos dois mais tarde. Não acreditava em mais nada devido às mentiras que Luis lhe contava.

No início do namoro, Tânia via com muita raiva o fato da ex-esposa de Luis trazer os filhos para o fim-de-semana com o pai, quando ele não os buscava. "Hoje eu dou toda a razão prá ela. O Luis está fazendo com os meus filhos a mesma coisa que fez com os filhos de seu primeiro casamento. Promete que vem e não aparece".

Tânia acha mais fácil explicar a ausência do pai ou da mãe quando esses já morreram. "A criança pode chorar, você chora junto, mas ele sabe que não vai mais ver o pai. Agora quando o pai tá vivo e não aparece, e a criança fica te cobrando, você não sabe mais o que dizer".

Tânia acha fundamental a divisão de tarefas e responsabilidades dentro do casamento. "A época de namoro é diferente, cada um vai prá sua casa, e os problemas não existem".

Como conselho para quem está pensando em casar com alguém que já foi casado antes, diz o seguinte: "Você deve ter muita paciência, ou então muito saco prá aguentar. Principalmente se o homem tem filhos. E deve ver muito bem o que ela vai fazer."

Família nº 11

Mulher entrevistada: Claudia
Marido: Fábio
Ex-marido de Claudia: José
Ex-esposa de Fábio: Lourdes

Claudia e Fábio estão casados há 15 anos, e não têm filhos em comum. O primeiro casamento de Claudia durou 4 anos, e ela tem dois filhos desse casamento, que moram com o casal: um rapaz de 19 e uma garota de 18 anos de idade. Seu ex-marido casou-se novamente. O primeiro casamento de Fábio teve a duração de 17 anos. Tem 2 filhos homens desse primeiro casamento, hoje com 31 e 30 anos de idade, que moram com a mãe, que nunca se recasou.

Motivo da separação do primeiro casamento de Claudia foi o alcoolismo do marido. Não percebeu nada antes de se casarem, nem ninguém lhe contou a respeito. Era muito jovem e escondeu tudo de sua família por 4 anos, até se separar.

Mantém uma boa relação com o ex-marido e sua nova esposa, que a respeita muito e a seu atual marido também.

Fábio se separou da primeira mulher após 17 anos, por não aceitar que ela trabalhasse fora, apesar de que o casamento já não vinha bem há certo tempo. Além disso, ele teve casos com outras e ela também teve, o que o levou a não aceitar de jeito nenhum e se separar. Sua ex-esposa nunca recasou. Está constantemente interferindo na relação de Claudia e Fábio.

Claudia em seu primeiro casamento era mais exigente, e considera-se culpada de não ter passado por cima de determinadas coisas. "Levava tudo a ferro e fogo, agora não. Com a idade, o conhecimento, você vai tentando ultrapassar, superar, resolver... contornar. É aquele maldito jogo de cintura que quando você é muito nova, você não tem".

Claudia sentiu muita dificuldade por parte de seus filhos, de aceitar seu segundo casamento. Diz que é mais fácil para o pai do que para a mãe, pois eles perdem o respeito por você.

Após o recasamento no entanto, passaram a gostar muito de seu padrasto, e o consideram mais pai do que seu próprio pai. Sua filha chegou até a comentar que se um dia casasse (está com 18 anos) preferia entrar na igreja com o padrasto.

Acha que o ex-marido sempre tentou comprar o amor dos filhos, levando-os por exemplo a uma loja e deixando que comprassem tudo o que quisessem. Não concordava com essa atitude,pois conflitava com a disciplina que lhes dava.

Quanto aos filhos do marido,de início se dava muito bem com eles, que gostavam muito dela, da casa mais organizada que a sua, e tentaram até diversas vezes morar com o pai por alguns meses. Brigam muito entre si e com a mãe, sendo que muitas vezes Claudia e Fábio foram envolvidos nas brigas e transtornos entre eles. Hoje, os filhos dele já são mais velhos, e têm problemas emocionais sérios, sendo que ambos já foram internados para tratamento psiquiátrico. Claudia acha que a instabilidade emocional da mãe provocou muito essa situação.

Quando se separou de seu primeiro marido, voltou para morar com seus pais, e não recomenda isso a ninguém. Era tratada como "uma coitadinha infeliz que a mamãe vai proteger, o papai vai querer que não sofra mais, e aí seus filhos passam a ser tratados como seus irmãos. Você não tem mais voz ativa para educar seus filhos".

Conta que as primeiras cantadas que levou ao se separar foram dos amigos de seu ex-marido.

Claudia, em seu comentário final, diz que o recasamento teria sido mais fácil se tivesse assumido os filhos do segundo marido, isto é, se tivessem ficado morando com eles sempre. Da mesma forma, não permitiria a chantagem emocional do leva e trás de informações, que os filhos dele faziam. Mesmo que não quisesse, ficava emocionalmente envolvida, e muitas vezes com raiva. Hoje não permite mais isso, e é muito melhor.

Acha que assim como se desenvolve a percepção materna, que sabe distinguir entre o choro de manha e o choro porque está doente realmente, também se desenvolve a "percepção de madrasta".

"É a manha de filho. Você sabe quando ele está chorando por manha, e você sabe quando ele está chorando porque está doente realmente. Você desenvolve a percepção materna. Aí você desenvolve a percepção de madrasta. Você sabe quando ele (enteado) está com um problema realmente sério, e você sabe quando ele está querendo te usar prá fazer uma chantagem emocional contra os pais".

4.3 - Análise e Discussão dos Dados

Os depoimentos das mulheres sobre a ex-esposa do marido, são unânimes ao apontar para um fato curioso: as ex-esposas são percebidas como mulheres extremamente más, sendo que quase todas sofrem de algum tipo de desequilíbrio mental. O mesmo fenômeno ocorre no testemunho sobre a nova esposa do ex-marido, porém em menor escala.

"Ela é maquiavélica. É uma aventureira, é baixo nível".
"...como a mulher dele atual é uma infantil...um ser humano horroroso..."
"Ela é totalmente neurótica..."
"Ela é extremamente vingativa, louca, eu diria que ela é uma louca, fisicamente ela tem cara e jeito de louca: olho prá fora, cara de ruim".
"Ela é muito feia, agressiva, ela é muito de mal com a vida".
"A mãe dela é uma chata..."
"...pela instabilidade da mãe...é completamente biruta. Me faz achar que eu sou a Amélia".
"...ela tem dois pesos e duas medidas".
"...além de ser feia por fora, ela é feia por dentro".

Examinando a questão, concluiu-se que não poderiam existir tantos distúrbios mentais num grupo tão pequeno como o grupo entrevistado, principalmente levando-se em consideração a variedade de pessoas envolvidas.

A comunicação entre esses dois subsistemas - a família recasada e a ex-família - aparenta ser portanto, totalmente truncada, de ambas as partes. O que se percebe é que cada lado interpreta de maneira oposta as atitudes, palavras, ou fatos que passem de um subsistema ao outro. Essa interpretação errônea leva ao surgimento de críticas, que por sua vez, causam uma reação e contra-reação, o que provoca um modelo de interação humana similar

ao observado por Watzlawick, Weakland e Fisch (1977), em que toda tentativa da esposa atual de se aproximar da ex-esposa do marido empurra essa última, e vice-versa.

O testemunho dos homens a respeito da comunicação entre esses subsistemas da família recasada e da ex-família, é contra qualquer contato, pois não acreditam ser possível manter uma relação aberta devido a carga emocional muito grande que existe.

> "Ela quis achar que o relacionamento seria mais acessível... mas eu nunca imaginei isso. E a prova é que nunca deu certo. De todas as investidas que ela fez em cima dela, nunca deu certo. Porque ela é uma inimiga, quer dizer...fica uma inimiga...".

As mulheres tentam desesperadamente se relacionar com a ex-esposa do marido, e só depois de alguns anos, e muita mágoa e ressentimentos, acabam concordando com os homens. A solução adotada então é cortar qualquer contato, para evitar maiores desentendimentos.

> "...eu queria construir com todos eles - era o meu sonho esse - um relacionamento amistoso...não precisava ser assim super amiga, porque eu não ia ser confidente e amissíssima dela, que esse tipo de relacionamento eu sei que não funciona. Mas existir comunicação! Uma proximidade, assim, e uma participação muito grande de todos nós".

> "Faz muito pouco tempo que a coisa começou a assentar. E eu vou te dizer quando é que a coisa começou a assentar: quando eu percebi que não dava certo o relacionamento da gente. Quando eu cortei...definitivamente. Fim...acabou!"

> "...Tá ótimo do jeito que está. Hoje o papo é prá dar parabéns no dia do aniversário e Feliz Natal no dia do Natal. Acho ótimo. Isso prá mim só melhorou. É desgastante isso prá um relacionamento e isso eu agradeço por ter parado".

"Acho que à medida que cada um vai ficando no seu canto, a coisa fica mais tranquila, sabe. Porque eu acho que nessa de se dar bem, se força às vezes uma barra que não fica natural".

O envolvimento de outras famílias também pode ser prejudicial ao recasamento, dependendo da influência que a pessoa tem sobre o novo casal. A mãe - sogra - do casal é a personagem que mais interfere, direta ou indiretamente. Em especial quando um dos cônjuges é seu único filho.

"O relacionamento entre duas pessoas pode até ser muito bom, mas quando envolve outras pessoas, a coisa fica...meia complexa".

"...tinha em relação a mim muita competição com a mãe dele. Sabe, porque de repente, eu tava tomando um lugar que ela achava que era dela...". (de mãe dos netos)

Essa interferência ocorre não só no recasamento como no primeiro casamento também.

"...eu tinha uma grande interferência da minha ex-sogra. E ele tem até hoje um vínculo muito grande na mãe dele. Aí é um dos casos que a gente sente quanto a mãe pode estragar a vida de um filho, ela não sabendo os limites. Então, qualquer decisão nossa tinha sempre que ter o alvará dos pais dele".

Por outro lado, envolvimentos positivos com familiares podem ser extremamente benéficos ao recasamento. O mais comum são os pais ou irmãos de um dos cônjuges, que não gostavam da primeira esposa(o), e que dão todo o apoio a (ao) segunda(o).

"Os pais dele tinham horror total, eram totalmente contra a ex-mulher dele. É aquela coisa de que todo o mundo assume: quando o casamento acaba, o culpado é o outro, nunca o meu

filho. Prá eles, qualquer outra pessoa que viesse e que tentasse viver normalmente com o filho deles seria maravilhosa. Então a pessoa, segundo os padrões deles, foi exatamente o que eles gostam. Então eu sou uma pessoa adorada, amada, graças a Deus eu existo em função de toda a família dele, quer dizer, pai, mãe, avó, a outra avó, tio, todo o mundo acha que eu sou a maior das maravilhas".

O inverso também pode ocorrer, isto é, os ex-sogros manterem uma excelente relação com a ex-nora e seu segundo marido, o que também é bastante positivo para o recasamento.

" A minha relação com os pais de meu primeiro marido sempre foi bárbara. Eles foram super legais comigo, e isso continua até hoje. Eles quase morreram com a separação, deram a maior força prá mim, até numa hora que poderiam estar dando um pouco mais prá ele. Lembro que minha filha nasceu (do segundo casamento), e minha ex-sogra veio me visitar, trazendo um cartão assinado da forma com que é chamada pelo meu outro filho, neto dela. Então foi uma coisa muito gostosa".

A opinião sobre a distância física entre a família recasada e a ex-família é dividida: duas famílias acham que o relacionamento ficou muito melhor depois que se mudaram para longe, ao passo que duas outras famílias sentem que essa mudança dificultou a relação com os filhos.

Na verdade, observa-se que ocorrem duas modificações distintas: uma delas facilita o relacionamento entre o ex-cônjuge e o casal recasado, pois diminui o contato, e a outra dificulta a relação pai-filho, quando não moram com o pai, pelo pouco contato que passam a manter.

Os autores americanos Visher e Visher (1978), mencionam o fato de que existe o mito de que enteados são mais fáceis de lidar quando não moram com o novo casal. Nos casos observados em que os enteados moram com o novo casal, existem evidências de

que a adaptação é mais fácil do que quando vêm apenas nos fins-de-semana, sobretudo quando a mãe mora em outra cidade. Isso de certa forma corrobora o que Visher e Visher mencionam, isso é, de que é apenas um mito a idéia de ser mais fácil quando não moram com o novo casal.

> "Um período em que não havia a presença dela (mãe) na mesma cidade, sempre foi muito melhor".

> "eu casaria de novo, com um homem desquitado, sem problema nenhum, mas eu assumiria os filhos. Se fossem pequenos, eu assumiria os filhos".

Quando a criança não mora com o casal recasado, não existe uma situação contínua, a adaptação está sendo constantemente interrompida.

> "...e aí quando ele fica nas férias com a gente um bom tempo, que passa a fazer parte...quando ele vai embora dá pena, dá vontade de não deixar ele ir. Agora já está aqui, já fica, já habituou, a convivência fica melhor, sabe? É sempre assim, no primeiro momento fica aquela coisa: "o que você fez?" Depois...a coisa flui. Então, essa vez em que a gente ficou com ele mais tempo, numa boa, já tava um negócio assim...tão bom...quando ele foi embora eu fiquei com pena, me deu uma certa tristeza. Aí...na semana seguinte eu já tô acostumada de novo, e fica nesse vai e vem".

Com base no modêlo sistêmico percebe-se que de cada visita da criança, o sistema familiar é momentâneamente desagregado até absorver o novo membro no sistema, readquirindo assim o seu equilíbrio interno, para ser novamente alterado quando da saída da criança. Já sabemos que cada indivíduo é importante dentro do sistema, podendo seu comportamento afetar o sistema inteiro, isto é, todos os outros membros da família recasada. Considerando-se uma das propriedades macroscópicas formais do sistema aberto quanto a interação, isto é, a globalidade, temos que "toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as

demais partes que uma mudança numa delas provocará uma mudança em todas as partes e no sistema total. Isto é, um sistema comporta-se não como um simples conjunto de elementos independentes, mas como um todo coeso e inseparável". (Watzlawick, Beavin e Jackson (1973, p. 112)

Os filhos em comum do casal são provavelmente os que mais sofrem pelas idas e vindas dos meio-irmãos. Se moram juntos, geralmente não entendem o porque de suas saídas nos fins-de-semana ou férias, devido a sua pouca idade, e até pedem para ir junto, o que pode criar situações bem singulares. A mãe de uma menina mandou-a junto com os enteados (que moram com o casal recasado) numa visita à mãe deles, de tanto que a menina insistiu em ir junto. Não sabe o que aconteceu durante o fim-de-semana, mas a filha deve ter satisfeito sua curiosidade, pois nunca mais quis ir novamente.

Em outra família, quando os filhos do primeiro casamento do homem foram passar as férias com a mãe por dois meses, o filho de um ano do casal ficou dias à procura dos irmãos pela casa, chorando muito, sem entender porque tinham desaparecido. Ficou até doente e com febre.

Isso também acontece nos casos em que os filhos vêm morar com o casal recasado por algum tempo, por exemplo, e depois decidem voltar para morar com a mãe. É que nesse período os irmãos se apegam muito mais, com a convivência diária por meses ou anos, e depois sofrem muito com a separação.

> "...o mais velho sentiu muito, muito, muito, porque tudo para ele era em função daqueles irmãos. Ele só saía com eles, ele só...ele ficou extremamente deslocado".

Quando isso acontece, existe um sentimento de rejeição muito grande por parte de todos os envolvidos, mesmo que a longo prazo a mudança seja para melhor. Para a madrasta principalmente, caso tenha se dedicado muito aos enteados, a decisão de voltar a morar com a mãe pode ser percebida como o atestado de seu fracasso.

"Nós ficamos cinco, seis anos com eles, e eles pediram para voltar (a morar com a mãe). Ela já estava com uma situação definida, e resolveu assumir as crianças de novo. Aí eu senti muito, me senti assim...extremamente diminuída, extremamente...não sei...derrotada. Em relação a eles, não em relação a mim".

É muito difícil para a mulher dividir o amor dos filhos com outra mulher. E isso ocorre de ambos os lados, por parte da mãe verdadeira, e por parte da madrasta. Existe uma competição constante pela posição de mãe, e talvez por isso a madrasta se sinta derrotada, caso os filhos voltem a morar com a mãe.

"Eu nunca tive ciúmes dela a ex-mulher, meu ciúmes é dela mãe...não foi fácil quando passamos a morar na mesma cidade, no sentido de disputa. Porque havia, inconsciente, das duas".

"...eu era muito ciumenta, de 15 em 15 dias, ela (a mãe verdadeira) vinha buscá-los. Eu tive uma passagem...eu não deixei, naquela época eu morava em apartamento, era muito mais fácil, eu mandei o zelador dizer que eu não estava. Na segunda-feira um oficial de justiça estava na minha porta!" (depoimento da madrasta que criava os enteados)

As crianças percebem essa disputa, e muitas vezes se retraem para não magoar nenhum dos lados.

"...o filho dele, eu sinto assim...que ele é totalmente diferente quando tá comigo e ele (o pai), e quando junta a mãe. Quando acontece de juntar todo o mundo, ele evapora, na maior parte das vezes, entendeu?...ou ele fica por ali, mas não se chega nem prá um lado nem pro outro".

As expectativas muito grandes da madrasta no recasamento geralmente prejudicam seu relacionamento com os enteados. Observa-se aqui outro ponto de concordância com o que já foi pesquisado nos Estados Unidos, principalmente quanto ao "mito do amor

instantâneo" de Gerda Schulman (1972) e sua variação "mito da adaptação instantânea", de Doris S. Jacobson (1972).

As mulheres, principalmente as que não tinham filhos, realmente acreditavam que iriam ser a mãe verdadeira dos filhos do marido, e que estes as aceitariam e amariam de imediato.

> "...aí eu esperava que fosse realmente ser considerada a mãe mesmo, e que não sairiam mais daqui, e aí tive expectativas nesse sentido. Mais do que eu deveria ter tido, acho que eu fui...eu esperei realmente que fossem como o meu próprio filho, e não existe isso. Esperei que eu fosse...não substituir, mas eu diria até que eu achava que poderia existir paralelamente, amando igual, sendo igual...utopia. Não existe...vai sempre comparar, vai sempre...não sei".

> "Acho que o que mais me marcou sempre foi isso. Sabe, eu querer...eu queria que eles gostassem de mim. Eu tentei, eu fiz tudo, igualzinha eu era pros meus dois filhos. Mas não adianta, eles nunca vão sentir você mãe, aqui do peito...hoje, se eu começasse de novo, não tentaria ser a mãe deles..."

Em outro depoimento de uma mulher sem filhos, quando os filhos do marido vieram morar com o casal, a mulher tinha certeza de que os faria "gordinhos e felizes", e que não haveria problema algum com a ex-esposa dele:

> "achava que eles iriam me adorar, que eu iria ser a mãe deles, e que a mãe deles passaria a não existir para eles. Isso eu achava mesmo!...e depois, a vida foi me mostrando que não era nada daquilo. Que eles tinham uma mãe, que a mãe existia , e que eles iam continuar gostando da mãe".

Existem evidências de que essas expectativas dificultam a adaptação da família recasada, porque a criança sente a madrasta como uma ameaça à sua própria mãe.

Um ponto de atrito muito grande entre enteados e madrasta é causado pela diferença de disciplina recebida pela mãe e pela madrasta.

Praticamente todas as mulheres entrevistadas possuem enteados, e a queixa principal foi exatamente a dificuldade de aceitação por parte dos filhos do marido, da disciplina imposta na nova casa. Isso acontecia mesmo quando a disciplina fosse igual para os enteados e filhos em comum do casal.

> "Havia diferenças grandes de...maneira de conduzir a adolescência, muito gritantes, muito marcantes, então talvez a gente seja mais fechado e ela extremamente liberal...Também eu não achava justo eu conduzir diferente, acho que não, não tinha razão de ser. Aí os quatro (incluindo os seus próprios filhos) eram tratados totalmente do mesmo jeito".

> "...a minha filha...coloca algumas coisas, algumas restrições que ela sofre aqui, em relação ao nosso comportamento, como ela não pode ver televisão a hora que ela quer, porque é nosso esquema, lá ela vê a novela das 6, das 7, das 8 e aqui ela não vê. Então ela tem uma série de restrições aqui. Agora isso foi colocado lá prá mãe dela, e além dessas outras colocações como se a gente tivesse recriminando ela, inclusive fazendo uma diferenciação entre ela e nossa filha (filha em comum do casal). O que não é verdade de maneira nenhuma. É que a nossa filha aceita isso como uma norma nossa, e ela não".

A falta de experiência do papel de mãe também pode interferir na relação madrasta-enteado, quando a madrasta não tem seus próprios filhos, seja pela falta de tolerância, ou pelos sentimentos contraditórios que surgem pela presença dos filhos do marido.

> "...então às vezes eu vejo o filho dele e tenho ciúmes. Ele representa um filho que nasceu, que tá aí, que os pais se dedicam e que há todo um envolvimento e um esquema montado

prá ele. Então eu acho que isso, em determinado momento, dificultou um pouco a minha relação com o pai dele".

"...então eu achava...que as crianças tinham que ter assim...uma disciplina, de determinadas coisas que hoje, a gente faz com o filho e é normal, mas se você faz com os filhos do teu marido, não é. Então a gente quebrava altos paus por causa das crianças. Eu queria me meter na vida das crianças tipo: "não faça isso, não faça aquilo", mas eu não falava assim. Eu falava brava: "eu não quero! a casa tem que ficar arrumada! "...porque eu que ajudei a montar o apartamento, sabe...e ele falou que eu estava sendo como uma bruxa. E hoje eu sei que eu fui. Hoje eu sinto. Porque hoje eu tenho filhos, e então eu mudei muito. Depois que a gente é mãe, a gente fica outra...Hoje , eu me arrependo de tanta coisa que eu não aceitava, imagine, com as crianças tão pequenas e eu não aceitando. Passando por mil dificuldades, coitadas, vendo o pai com outra...ficavam o dia inteiro na escola, na hora que tinham um pouco de carinho do pai, tinham quem? eu, a fera, prá atrapalhar!...é verdade, eu falo, eu me puno até hoje por isso!".

A parte considerada positiva na presença de filhos de casamentos anteriores, do ponto de vista da mulher sem filhos, é o lado "colorido" da criança que pode ser vivenciado pelo casal recasado.

"Eu estou me dando bem com ele. Acho que ele me ensinou umas coisas muito boas...eu sempre tive a idéia de filho como uma coisa muito pesada, sabe? Uma coisa assim ruim, de responsabilidade, de você ter que se esforçar, e eu me surpreendo que eu consigo cuidar dele numa boa. Porque tem essa coisa de alegria de criança, ele é muito gaiato, muito engraçado, é piadista".

"...sei que dá trabalho, principalmente agora que são adolescentes, mas também tem o outro lado, a espontaneidade, a brincadeira, o "ser palhaço", que traz um movimento na casa toda".

A situação financeira no recasamento é quase sempre melhor pela idade e carreira profissional do casal recasado, o que pode provocar sentimentos de inveja e ciúmes no ex-cônjuge que não se recasou, mesmo que tenha sido feita a divisão de bens na época da separação. Esse sentimento é em geral passado para os filhos, que também passam a se sentir lesados pela situação, podendo surgir conflitos entre eles e o casal recasado devido a isso.

> "...mas a gente sempre nota que existe alguma coisa, um ciúme, uma dor de cotovelo da situação, também porque na época financeiramente ele tinha muito menos do que ele tem agora, ele estava começando a vida dele então."

A parte positiva é o que significa em termos de realização para o novo casal, fazendo com que apresentem melhor humor e mais receptividade nas relações um com o outro e com os filhos.

> "Tem muito a ver o lado profissional da gente, sabe. Eu acho que melhorou bastante e isso é importante. Porque nós dois não éramos satisfeitos com o que fazíamos. E acho que hoje em dia a gente faz uma coisa que a gente gosta, ganhamos mais dinheiro, tudo, acho que mudou barbaramente, sabe."

Apenas uma família sentiu dificuldades financeiras sérias no recasamento por muito tempo, e que de certa forma ocasionaram a separação do casal. Porque dificuldades financeiras todas tiveram, no início do recasamento, devido a necessidade de começar novamente da estaca zero em termos de montar outra casa, comprar outro carro, pensão para a ex-esposa e filhos, etc. Essas dificuldades iniciais no entanto, serviram como mais um ponto de união ao casal recasado, com exceção da existência contínua de pensão para o ex-cônjuge. A posição do homem nessa família entretanto, provocou um pouco essa situação, devido a sua condição de artista.

> "Quando você tem 15 anos, você acha que uma barraca e o teu amor é o suficiente. Quando você vai ficando mais velha,

que você tem filhos, e que você tem uma série de coisas para resolver, e que falta realmente a grana, aí as coisas mudam."

Em quase todas as famílias entrevistadas, houve uma tentativa de reconciliação por parte do ex-cônjuge ao saber da possibilidade do outro vir a se recasar, mesmo nos casos em que a separação tivesse sido proposta por esse mesmo cônjuge.

"Primeiro ele não queria a separação, ela é quem queria. Depois que ele tinha acomodado a cabeça dele, aí ela que deu o chilique de querer voltar."

"... e a última cartada dela foi mudar pro interior, ela achava que ele jamais ia admitir, ou então que numa dessas, ele ia voltar. Ele mesmo na época achava que ela estava fazendo isso mais como talvez uma ameaça prá que eles voltassem." (Ela levou a filha com ela)

"...com isso, quando ela achou que ele nunca iria sair de casa, um dia ele falou que não aguentou mais, fez suas malas e foi embora. "Ah, vai, já vai tarde!" foi o que ela falou. Aí, quando soube que tinha outra mulher, aí entrou aquele lado do amor próprio ferido que a gente já conhece."

"Então, ela queria primeiro se separar. Quando eu decidi separar, então, depois, ela quis tentar de novo, aí eu que não quis."

Praticamente todos os entrevistados se queixaram de que a ex-mulher interfere muito mais quando está sozinha, ficando impossível lidar com ela. Quando está com um namorado, ou morando com alguém, a coisa muda de figura.

"... e naturalmente as baixas dela são quando ela não tem namorado, ela fica mais vulnerável."

"...a mãe dela é uma chata. Quando ela tá namorando, ela é uma santa, ela tá ótima, ela quer mais é que a menina venha ficar com a gente. Quando não tá, fica enchendo o saco com coisa pequena."

"O único problema dela é quando tá sem ninguém. Mas quando tá com um namorado, alguma coisa assim, aí tudo vai bem. Ela deixa a menina vir, ela tem os problemas dela, então fica tudo...agora quando ela não tem o que fazer...aí ela quer enfernizar a vida de todo o mundo, e ela sabe que a maneira de enfernizar a minha é a nossa filha. Ela telefona, que eu não dou a assistência devida, é uma besteira, sabe, até eu explodir, aí ela volta a ficar o normal." (Depoimento de um pai que mora em cidade diferente da ex-esposa e filha)

Os filhos muitas vezes se aproveitam da situação de terem pais separados para tirar vantagem, quando percebem que podem usar um pai contra o outro, ou contra madrasta e padrasto e vice-versa. Esse fato foi constatado principalmente pelas mulheres que estavam no papel de madrastas, e que percebiam de fora o que estava acontecendo.

"É a manha de filho. Você sabe quando ele está chorando por manha, e você sabe quando ele está chorando porque está doente realmente. Você desenvolve a percepção materna. Aí você desenvolve a percepção de madrasta. Você sabe quando ele (enteado) está com um problema realmente sério, e você sabe quando ele está querendo te usar prá fazer uma chantagem emocional contra os pais."

Outras vezes, principalmente quando se dão bem com a madrasta ou padrasto, percebem que qualquer informação que seja transmitida de "um lado para o outro" pode causar problemas e magoar alguém, portanto evitam contar coisas.

"...e as crianças sabem que comentários não são benvindos, e não dizem nada do que se passa do lado de lá." (Os filhos do marido estão com ela há dez anos)

A ligação que os filhos de casamentos anteriores provoca entre o pai e a mãe separados, é extremamente mal recebida pelo novo cônjuge, que muitas vezes se vê forçado a interferir. A situação fica ainda mais grave quando o pai (geralmente os filhos ficam com a mãe), não percebe o quanto de envolvimento ainda existe.

> "...o filho dele é um ponto muito forte de ligação dele com a ex-mulher, e isso me atinge. Ela determina algumas coisas e aí fica por isso mesmo. Então eu acho que é negativo. Essa coisa que você ainda mantém um elo de ligação muito forte com o casamento anterior, até questão financeira mesmo, que tem pensão, é uma defasagem na vida do casal. Tem todo um envolvimento que não é do seu lar, principalmente se as crianças ficam com a mãe".

> "...qualquer coisa, mas qualquer coisa que a menina tinha (filha do marido), tinha uma febrinha, ela já ligava desesperada, deixava ele louco "liga aí pro ex-pediatra daí, fala o que eu faço", era uma febre de 38 e ele já tinha que correr, então eu falei: "olha, corta essas coisas porque você está casado, sabe, eu não me sinto bem nessa situação".

> "ela telefonava de madrugada porque tava se sentindo só e tinha ataques de choro, ele ia buscar. A geladeira quebrou, ele ia consertar. Então ela era a dona da situação! Ambos não se desligaram. Mas quando eu cheguei, a gente conversou, eu falei "realmente", mas ele falou "não, ela não é o que eu quero...".

Aparentemente o homem se preocupa porque a ex-esposa está educando os filhos sozinha, e tenta de longe continuar a ser a pessoa que resolve os problemas, dividindo tarefas que executava quando ainda estavam casados. Faz isso também pelo hábito, e por sentir-se culpado pela separação. Esse tipo de procedimento no entanto, conflita com o envolvimento com outra mulher, que na maioria dos casos não aceita ser colocada em segundo plano. A nova esposa então é quem vem definitivamente cortar essa ligação,

pois percebe mais claramente as "pendências" existentes, e que interferem na relação do casal.

> "...considere-se que ela tá sozinha, é difícil criar um filho sozinha, então ele sempre dava uma retaguarda prá ela mesmo".

> "...eu me respeito muito, eu via o meu lado, mas eu não sou egoísta...Eu estava assim numa situação de não estar casada, de simplesmente me colocar prá ele como uma pessoa que se valorizava, e eu tinha que fazer aquilo que eu achava que eu era. Eu falava prá ele assim na época: "eu não vou ser a outra, eu não vou ser a segunda".

> "Depois de um certo tempo, mais ou menos dois anos de casamento, ele ainda dava jóias prá ela, sabe, e existia assim toda uma situação de materialismo muito grande em torno dele. E eu fui aos poucos tentando cortar isso, não pelo fato do egoísmo em si de não dar...mas pelo fato da situação em si, que parece que não consegue assim quebrar de vez, então a pessoa fica assim ligada...e o fato é que ele estava sendo assim pivô só de coisas materiais".

> "...e aí eu acho que eu ajudei um pouco a ver as coisas pela visão que eu tinha, ver as coisas mais claras, com naturalidade".

A nova esposa é também quem melhor percebe quando o marido é o "provedor financeiro" apenas, na relação com os filhos de seu casamento anterior. Ou quando a figura de pai se resume a dar presentes, roupas, e o que quer que o filho precise, muitas vezes na tentativa de manter um vínculo positivo com o filho, uma vez que já não estão juntos fisicamente. As vezes isso é até reforçado pela própria mãe, que dessa forma diminui sua despesa com os filhos.

> "No começo, ela não queria ficar, ela só queria ver se tinha presente, se tinha, ela pegava todos os embrulhinhos e queria

ir embora. Aí a gente começou a questionar muito isso, se era válido comprar presente, porque tava comprando a menina...".

"...então ela quer uma boneca que é muito cara e ela não tem condições, é o pai; quer um brinquedo que apareceu na televisão, é o pai. De repente é aniversário...tem que ser uma coisa boa, porque senão vai pensar (a mãe) que a megera aqui que não quer que compre porque...então vamos comprar. Então era muito tudo assim...só materialismo. Eu falei "olha" em várias conversas, isso não foi de um dia pro outro, ele mesmo foi chegando à conclusão de que ele tinha que ter a posição de pai por ele ser pai, não prá ele dar as coisas prá menina. Ou ser um ex-marido que dá por obrigação de lei e por ele também querer dar, e não por ele ser ainda o marido em si".

"...fizeram com que a menina pedisse um apartamento prá ele!"

Passada a fase de "pai provedor" apenas (e talvez exatamente por isso),os homens se consideram melhores pais no recasamento. O primeiro casamento, e o nascimento de filhos, ocorre geralmente numa fase de vida do homem em que o mais importante é sua carreira profissional, ficando tudo o mais para segundo plano.

"Os filhos tem muita responsabilidade no relacionamento do casal...é um motivo muito grande. Você, claro...adora um filho, quer todo o melhor para ele, procura fazer tudo...ficou difícil. Eu por exemplo, como pai, eu não cheguei a dar a atenção devida. Naquele momento, eu tinha uma certa idade em que a vida profissional me absorvia muito mais".(depoimento de um homem que em seu primeiro casamento ele e a esposa tiveram três filhos com pouca diferença de idade entre eles. Agora está em seu segundo casamento, e os três filhos moram com ele e a esposa atual, com quem teve mais dois filhos. Considera-se hoje um pai muito mais presente)

"...A gente encara com muito mais seriedade tudo, até os filhos, eu acho que até a minha filha, o meu relacionamento é ótimo, e foi tudo devido a isso também".

Outro motivo que contribui para essa aproximação do pai com relação a seus filhos, é o período de separação, que ocorre após o término do primeiro casamento. As crianças nesse caso, ficam quase sempre com a mãe, enquanto o pai mora sozinho em outro lugar. Esse período parece provocar no homem uma valorização dos filhos que não acontece quando estão juntos. Sente a sua falta, passa a ter medo de perder o seu amor, e muda muito sua atitude quanto à qualidade de tempo despendido com eles. Houve apenas um caso em que aconteceu o contrário, isso é, o pai se desligou totalmente dos filhos após a separação, e nem aparece para visitá-los. É um caso um pouco diferente no entanto, pois o homem demonstra problemas emocionais quanto a ligações afetivas, sendo que é totalmente só, pois os pais e nove irmãos já faleceram.

"...Porque a preocupação dele, a morte dele, era sempre a filha dele. Tava se autodestruindo no começo quando eu o encontrei, de medo que qualquer relacionamento que ele tivesse fosse acabar com o sentimento da filha por ele".

O namoro do casal recasado começa muitas vezes quando um dos cônjuges, quase sempre o homem, ainda está morando com o ex-cônjuge. Isso no entanto é visto como decorrência natural do fato de que o casamento já não estava bem.

Conforme vários depoimentos obtidos, é como se o homem procurasse uma outra pessoa de propósito, como apoio para se desligar de uma relação que já não existe, e para provocar o rompimento de uma situação já não desejada porém difícil de ser quebrada.

Nesses casos, a ex-esposa geralmente culpa a nova mulher do marido por ter destruído o seu lar, eximindo-se totalmente de

responsabilidade frente ao fracasso de seu casamento. Por muito tempo então, por vezes anos, não existe qualquer contato entre elas, até o momento em que por causa dos filhos sejam obrigadas a se falar.

Em todos os depoimentos de casais que tenham se encontrado antes da separação, o comentário das mulheres é bem expressivo no sentido de que não se consideram a causa do rompimento do primeiro casamento do marido, pois "já não existia casamento".

> "Tem muita gente que fica..."porque a outra...tirou o meu marido"...eu acho que quando um homem procura outra mulher é porque ele não tem mais nada com a outra. Porque se o casamento é sólido, se ele gosta da mulher, não é nenhum casinho que vai fazer ele desmanchar uma família inteira".

Outra mulher que foi acusada pela ex-esposa do marido, diz que "...não era bem assim. Mas eu nunca consegui botar isso na cabeça dela". Parece ser mais fácil para a ex-esposa responsabilizar outra pessoa, ao invés de assumir uma atitude mais realista quanto ao que verdadeiramente existia - ou não existia entre o casal.

Em diversos casos, a mulher e o homem procuram para parceiro no recasamento, o oposto do que não deu certo no primeiro casamento. Em outras palavras, o que foi difícil na relação do primeiro casamento, e que talvez tenha sido a causa da separação, é evitado no segundo casamento.

> "...anseios dele diferentes dos meus. Ele queria muito que eu fosse uma pessoa que eu não era. Isso me deixava aflita, porque eu queria suprir esse negócio, mas eu não conseguia, por mais que eu tentasse. Então tudo que eu pensava era assim: será que eu vou encontrar alguém que vá me curtir exatamente como eu sou? Assim com todas as minhas limitações, as minhas coisas...".

"...eu não me sentia realizada como companheira, como mulher, eu parecia a mãe dele...hoje eu me sinto, hum...uma mulher, não uma mãe, entendeu? Uma companheira em todos os sentidos! Hoje eu me sinto muito mais realizada com isso. Não tenho dúvidas".

Nas duas famílias em que os filhos do primeiro casamento moravam com o pai,(ou moraram por muito tempo) e eram portanto criados pela madrasta, esta era totalmente o oposto da primeira mulher quanto à figura de mãe e de família. Nos dois casos, a primeira esposa não se dava bem com a própria mãe, e mais tarde, por opção sua, deixou os filhos para serem criados pelo ex-marido. Foi retratada como sendo uma pessoa extremamente desligada, muito liberal e que "quer saber da vida dela, tipo, "primeiro eu, depois o resto, se eu estiver bem, o resto vai estar bem". A segunda esposa, ao contrário, possuía uma imagem de família muito forte, o que a levava a ser bastante maternal com as crianças.

Num dos depoimentos, a mulher deu como motivo para a separação do primeiro casamento, o fato de que seu ex-marido era extremamente fechado, não falava de jeito nenhum, e se recusava a discutir qualquer questionamento por parte dela. Seu marido atual é uma pessoa bem extrovertida, e mantêm longos diálogos com ela, desde o início do namoro, quando ficavam horas e horas conversando (ele também já foi casado anteriormente).

No início do recasamento, a tendência a comparar o parceiro atual com o anterior é muito forte. Aos poucos, essa comparação vai deixando de acontecer, mas enquanto existe, dificulta a adaptação e naturalidade do novo casal.

"...às vezes, a gente cai no erro de comparar,"fulano tinha isso que eu gostava"...e até por vezes quer pegar o bom do primeiro casamento e unir com o bom do segundo, e aí você vê que está fazendo tudo errado".

"...eu penso assim:"o fulano é assim, o beltrano é assado, eu não dava bem...eu gostaria que ele tivesse esse aspecto do outro"...aí você embanana. E eu não vou conseguir nunca,

porque já começa que eu não sou ideal, né? Então às vezes eu vejo que estou um pouco na comparação demais para facilitar um sonho...e daí me acaba e é muito difícil, eu paro um pouco...e vejo quanta bobagem, e volto, fico mais na real e recomeço de novo. Mas de repente eu vejo que estou fazendo isso de novo...eu acho que ainda vai demorar muito tempo prá eu parar definitivamente. Primeiro porque eu convivi com o outro marido muito mais tempo".

A duração do casamento é portanto o que mais influi na comparação entre ex-cônjuge e cônjuge atual. Quem esteve casado por muitos anos, leva mais tempo até perder este hábito, pela lembrança ainda muito forte da pessoa com quem viveu anteriormente. Além disso, o período de separação entre um casamento e outro e o número de relacionamentos,também vão diminuir ou aumentar essa comparação.

Quando um dos parceiros está no segundo casamento e o outro no primeiro, pode haver um certo descompasso pela diferença de experiência entre os dois, em que algumas coisas serão mais fáceis, e outras mais difíceis.

Esse descompasso pode ser percebido nas situações em que o parceiro, que já passou pela experiência de um casamento anterior, e que já"errou"uma vez, quer acertar agora: "Ele ainda está indo, e eu já estou voltando", o que não dá tempo ao novo cônjuge de perceber o que está se passando.

Por outro lado, o cônjuge mais experiente sente-se à vontade de colocar coisas na cabeça do outro, que não as vivenciou, como se fossem verdadeiras, e que considera certas: "não sei se não faço um pouco um jogo assim, prá se adaptar melhor a mim, não sei".

A relação do casal recasado é bem mais aberta e comunicativa, que em um primeiro casamento. Inúmeros casos foram relatados em que

a separação do primeiro casamento ocorreu pela falta de comunicação entre o casal. Na quase totalidade dos mesmos, a mulher era a única pessoa que tentava retomar o diálogo.

> "...eu, realmente, sempre fui um cara fechado, entendeu? Prá mim as coisas estavam sempre bem, internamente nunca fui um cara de abrir, ou de manifestar coisas que eu não gostava...então eu vim a descobrir isso depois...".(ele agora está recasado, e fala de tudo com sua esposa atual)

> "...ele era uma pessoa muito mais fechada do que eu...era extremamente quieto, e não permitia questionamento não, então eu comecei a tentar conversar com ele, mas ele ouvia sempre muito quieto, e foi me dando uma irritação horrível, sabe?"

> "Ele não conversava nada, nada comigo. Não me acusava de nada...ficou um monólogo. Até que um dia ele saiu de casa prá pensar. Assim, de repente, de eu não saber de nada e ele chegar de mala pronta...dele nunca ter me dito nada".

O fracasso do primeiro casamento e o período de separação parecem levar o homem, muito mais do que a mulher, a reavaliar sua atitude dentro do casamento, o que juntamente com sua própria experiência, levam-no a agir diferentemente no recasamento.

> "...não estava preparado para o casamento de jeito nenhum...foi uma fase difícil, um sufoco total, aí foi degringolando cada vez mais, eu estava cada vez menos em casa...cada dia pior. A separação foi barra pesadíssima. O recasamento é totalmente diferente do primeiro casamento, minha cabeça mudou muito também...o meu relacionamento é ótimo".

> "Se você pegar um motivo, esse motivo, foi aquele, não tinha. Foi aos poucos. Sabe...não tinha. Eu até, se falar a verdade, digo que a gente pouco discutia e pouco se falava".

O recasamento baseia-se mais na realidade do que o primeiro casamento. Este foi um sentimento expresso juntamente com outro, de que muitas pessoas não estão preparadas para o casamento não dar certo. É como se o fato de estar casado no civil e religioso fosse segurança suficiente para que o casamento dure "até que a morte os separe". A pessoa fica tranquila, seguindo o seu dia a dia, por vezes bastante desatenta quanto ao que está ocorrendo com o parceiro. Pode estar realmente alienada, ou pode não querer saber - até o dia em que o tapete é puxado debaixo de seus pés.

> "...mas eu nunca achei que eu fosse me separar. Não porque eu sou uma ingênua, não. Mas eu nunca achei que nosso casamento pudesse acabar. E acabou...foi uma coisa assim... que quando eu lembro, eu falo: é inacreditável!".

> "eu tenho uma grande dor,como mãe, de sentir que a minha família, meu casamento...não era nada disso que eu pretendia no dia que eu casei a primeira vez. Eu queria uma coisa normal, natural,eu gostava muito dele, ele gostava muito de mim, nós éramos apaixonados. Então paciência, não deu certo".

Esse tipo de sentimento parece levar o indivíduo a ter outra atitude em um segundo casamento, muito mais realista, muito mais alerta, sendo mais paciente e se dando muito mais.

> "Acho que a gente tenta, eu tento compreender mais a outra pessoa, sei lá, os defeitos, as qualidades, eu pelo menos faço. Acho que talvez, no primeiro não tivesse feito tanta força, força assim...não no sentido de se sacrificar, mas sim de tolerância".

> ""...eu me acho culpada de determinadas coisas que poderia ter passado por cima e...não passei. Levava tudo a ferro e fogo. Agora não. Com a idade, o conhecimento, você vai tentando ultrapassar, superar, resolver...contornar. É aquele maldito jogo de cintura que quando você é muito nova você não tem. A vida te ensina".

"Apesar de saber que o casamento não é cor-de-rosa, você ainda pinta mais de cor-de-rosa. No segundo, as coisas tem mais realidade prá mim. Tem um monte de coisas que eu não pintei de cor-de-rosa".

"Como os dois tivemos mais ou menos a mesma experiência no primeiro casamento, o mesmo sofrimento, a gente acha que nós não podemos errar na segunda vez tanto. Então a gente se cuida muito, mas a gente fala tanto, organiza tudo...a gente decidiu que quer ficar juntos, então a gente organiza tudo".

"O recasamento é totalmente diferente do primeiro casamento. Minha cabeça mudou muito também, dez anos atrás e hoje é outra coisa...a gente encara com muito mais seriedade tudo".

No recasamento, a fragilidade da relação está sempre presente, e as pessoas se cuidam mais. Fragilidade não no sentido de ser uma relação com pouco conteúdo, e sim de ser algo que pode acabar se não for cuidado. Como comentário final, uma mulher entrevistada colocou o seguinte:

"Eu acho que o recasamento é a comprovação de que a gente é falível e que esse legado que a gente tem de sentar no trono do casamento e nem olhar e nem cultivar aquele brotinho, tirar as ervas daninhas, como eu fiz...eu simplesmente achei que a terra era pro resto da vida. Então não precisava cuidar, estava ali do lado, entendeu? Então eu achava que era isso, aconteciam aquelas briguinhas feias, depois aquelas grandes e ia desgastando, desgastando, deixava entrar, deixava público e notório, deixando todo mundo entrar...e isto hoje eu jamais faria. Se eu pudesse deixar um conselho prá alguém, eu diria: "cuide do teu relacionamento diariamente, e aprenda a ceder". Quando eu me pego, às vezes, eu não cedi o suficiente, ou cedi tanto que me violento. Então, arrumar um equilíbrio meu, como ser humano...".

5 - CONCLUSÃO

Os laços de ligação entre a família recasada e a ex-família devem ser mantidos ao mínimo para que o recasamento seja uma união satisfatória para ambos os parceiros. Este é o resultado mais imediato dessa pesquisa, apesar de existirem inúmeras outras mini-conclusões igualmente importantes, visto que o tema proposto é muito complexo. Os enfoques básicos porém, são quase todos emergentes do processo de separação - e ligação - do casamento anterior. Além desse aspecto, deve se manter em mente que a família recasada não é a família nuclear recriada, devendo ser vista e percebida como uma unidade diferente e com características próprias.

Analisando-se o conjunto desses temas, cabe considerar que a atuação psicoprofilática ao nível de casal assume uma importância ainda maior, na medida em que a clarificação das dificuldades a serem vivenciadas diminuiria em muito os problemas pertinentes ao recasamento, sentidos tanto pelo homem quanto pela mulher. A seguir, encontram-se alguns desses aspectos críticos mais específicos ao início do recasamento, e que variam de intensidade conforme o grau qualitativo e quantitativo de afastamento da união anterior.

A ligação muito forte de um dos parceiros com o ex-cônjuge seria considerada portanto, a dificuldade básica que lidera todas as outras. É interessante notar que as pendências são em geral mais fortes para o homem, que tenta de longe continuar a ser o "cabeça do casal", até mesmo quando já faz parte de outra família. A ex-esposa no entanto, por vezes reforça esse comportamento, quando continua a adotar uma atitude de dependência para com o ex-marido.

A tentativa de reconciliação por parte do ex-cônjuge geralmente interfere negativamente na relação do novo casal, ao reabrir um processo que em muitos casos já estava "enterrado". Além disso, provoca no novo parceiro sentimentos de culpa, mesmo

que a ligação seja posterior à separação, e ainda mais quando existem filhos envolvidos.

A interferência do ex-cônjuge no recasamento se faz sentir notadamente na figura da mulher. Vários aspectos se somam para explicar o porque disso, entre eles, se houve uma retomada de rumo em sua vida ou não. Quando a mulher tem uma profissão e trabalha fora, a tendência é de se voltar mais para os seus problemas pessoais, sem ter a necessidade de reparti-los com o ex-marido. Da mesma forma, a presença de outra pessoa em sua vida também auxilia para que o desligamento seja mais efetivo.

Os filhos são os diretamente beneficiados (ou prejudicados) com os aspectos acima mencionados. Vai depender da maturidade da mãe especialmente, a utilização da criança como meio de pressão junto ao ex-cônjuge para expressar sentimentos de raiva, rejeição, medo, inveja, ciúmes, e outros. Várias ex-esposas das famílias entrevistadas proibiram ou dificultaram seus filhos de ver o pai, além de colocar coisas em sua cabeça tipo "é culpa de seu pai a mamãe estar nessa situação", "a mulher dele é responsável pela separação da mamãe e do papai", e "seu pai não gosta mais de você". Nesses casos, a adaptação do casal recasado é bem mais tumultuada pela participação bastante negativa por parte das crianças.

Berger e Kellner entendem que "o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações de validade significativas para adultos em nossa sociedade". Em outras palavras, é um instrumento nômico essencial. Até o passado é reconstruído de forma a apresentar uma memória comum que integre as lembranças do passado de cada um. Quando o divórcio acontece, existe uma quebra de tudo o que foi coletado, e surge a necessidade de redefinição de cada um dos ex-cônjuges. Essa redefinição somente será possível se o sujeito puder concluir satisfatoriamente o processo de separação.

Quando o casamento termina bem resolvido para ambos os parceiros portanto, sem pendências ou "ganchos", a adaptação no recasamento é bem mais tranquila, tanto para o novo casal quanto

para os filhos de casamentos anteriores.

Várias causas foram dadas para a separação do primeiro casamento, entre elas, o não estar preparado emocionalmente, afastamento por falta de comunicação, diferenças muito marcantes de tipos de pessoa, dificuldades financeiras, falta de apoio do parceiro, e outras. Esses motivos entretanto, geralmente só são validados muito depois, quando nada mais pode ser feito para recuperar a união do casal.

Essa conscientização do que não deu certo da primeira vez, mesmo que tardia, funciona como uma vacina para a pessoa que se separa, pois a deixa muito melhor preparada para enfrentar e transpor dificuldades no recasamento, além de estar mais alerta e atenta ao que acontece na relação com o parceiro. Essa diferença de atitude é claramente percebida na comunicação, que pode ser considerada o motivo número um das separações do primeiro casamento, e que é sempre muito mais aberta no recasamento.

É mais fácil ao homem se recasar do que a mulher. Isso talvez aconteça por ser o homem a pessoa que, na quase totalidade dos casos de separação, sai do ambiente familiar para um quarto de hotel ou pequeno apartamento. A necessidade de reconstruir um lar seria portanto mais forte nele, o que explicaria o número muito maior de homens recasados, mesmo em um grupo tão pequeno como o das pessoas entrevistadas nessa pesquisa. Além desse aspecto prático, pode-se deduzir também que a mulher está mais preparada para viver só, sem a presença constante de um parceiro, pois está mais habituada a ter até duas jornadas de trabalho, que compreendem o trabalho de dona-de-casa com relação a compras, arrumar a casa, levar filhos na escola, etc., e o trabalho fora de casa, remunerado.

Os filhos são, sem sombra de dúvidas, o que mais pesa no recasamento. É como se todos os outros fatores fossem automaticamente resolvidos através da experiência do casamento anterior, sendo então substituídos, ou representados, pelo problema "filhos"

em uma segunda união. Essa é uma constatação quase unânime, e que até transmite um certo exagero na negação de problemas entre o casal em si. Obviamente a relação no recasamento não é perfeita, e como em todas as relações, é necessário que haja um período de adaptação no qual o ponto de vista do homem e da mulher serão revistos, até ser atingido o equilíbrio ideal para o casal.

Entretanto, isso parece acontecer de forma implícita no recasamento, pois em primeiro plano são expressos apenas os problemas causados pelos filhos, e a ligação que provocam com o ex-cônjuge: "Nós não tivemos problemas nossos sem estarmos com problemas com os dois" (filhos dele). "Se eu não tivesse os filhos, não tivesse vínculo, eu estaria felicíssima no meu novo casamento".

Frente a essa situação, é comum os filhos de casais separados serem enviados para uma terapia, quando apresentam comportamento inadequado na escola ou em casa. O casal separado propriamente dito no entanto, raramente procura um esclarecimento terapêutico após a separação e antes ou durante o recasamento*.

A relação madrasta-enteado deixa transparecer uma curva descendente na intensidade de esforços despendidos pela madrasta, à medida em que aumenta o ressentimento e mágoa por não ter suas expectativas correspondidas, e diminui em importância o fato de que a relação seja bem sucedida. Em outras palavras, de início a mulher se dedica muito mais aos filhos do marido, sabendo o quanto é importante para ele sua aprovação como pessoa, deixando de lado seus próprios interesses e por vezes até sua profissão. Conforme

* Nenhum dos casais entrevistados esteve sob terapia de família, apesar de terem deixado transparecer durante as entrevistas, a vontade de saber, de um profissional, se o que estavam fazendo era certo ou errado.

a relação se desenvolve no entanto, sua perspectiva da situação se modifica, através do constante leva e trás de informações, disputa com a mãe das crianças e críticas quanto a sua maneira de conduzir e disciplinar os enteados. Essas críticas acontecem tanto por parte da ex-esposa do marido quanto por parte dos filhos, isso quando não é o próprio marido quem as faz.

Na verdade, as mulheres que melhor se dão com seus enteados são as que não deixaram de viver a sua vida em função deles, e portanto não sentem necessidade de cobrar o investimento feito, seja por tempo ou dedicação. Tudo então é considerado lucro. "Quanto mais se dá mais se espera receber", se aplica perfeitamente a esses casos, que só voltam a apresentar um certo equilíbrio após uma profunda (e sofrida) mudança de atitude por parte da madrasta.

Evidentemente é importante um certo cuidado na relação com os enteados, mas muito mais no sentido de paciência e compreensão de suas atitudes e sentimentos. As mulheres entrevistadas que melhor se entendiam com seus enteados, tinham uma atitude diferente com eles do que com os seus próprios filhos, até mesmo em termos de disciplina. Dessa forma, obtinham melhores resultados do que as mulheres que os tratavam estritamente iguais.

A partir dessa constatação, pode-se afirmar que é mais importante o estabelecimento e manutenção da relação afetiva madrasta-enteado, do que a transmissão de conceitos de disciplina e ordem, que bem podem e devem ficar a cargo de seus próprios pais, sempre que possível. O bom senso no julgamento dos limites no entanto, deve prevalecer, para que nem um nem outro lado se sintam agredidos.

A experiência pessoal ainda é vista como extremamente importante para a vivência de certas situações. No caso das pessoas que participaram da pesquisa, tanto o papel de mãe quanto a experiência de um primeiro casamento tiveram uma influência significativa no recasamento.

Talvez exatamente por isso, o recasamento baseia-se muito mais na realidade do que o primeiro casamento. As pessoas se cuidam mais, procuram compreender melhor o parceiro, e tentam contornar as situações de impasse. Conforme um depoimento obtido, é "o jogo de cintura que quando você é muito nova você não tem. A vida te ensina".

A comunicação é a base de qualquer sistema, e é fundamental para o funcionamento interno dos subsistemas "família recasada" e "família nuclear", porém não necessariamente entre esses dois subsistemas. Ao contrário, com base em tudo o que se observou nesse estudo, quanto menos informação for passada de um subsistema ao outro, melhores as possibilidades de redefinição bem sucedida dos ex-cônjuges, seja através do recasamento ou não. Não significa dizer com isso que todo e qualquer contato entre um homem e uma mulher que já foram casados seja prejudicial, e sim, que a comunicação como marido e mulher deveria existir tão somente até a conclusão satisfatória do processo de separação. A partir daí, ambos estariam desligados dessa unidade "família nuclear" e prontos para integrar a unidade "família recasada", caso assim o desejassem, restringindo sua interação aos papéis de pai e mãe apenas, se existirem filhos.

A situação toda do recasamento é muito sensível pelo envolvimento emocional das pessoas, e é praticamente impossível ignorar sentimentos de um lado ou de outro. E existem muitos lados a serem levados em consideração, dependendo da complexidade das relações formadas.

Para finalizar, deve-se chamar a atenção para o fato de que com certeza problemas fundamentais foram deixados de lado nesse estudo, devido a amplitude do tema pesquisado. O mais relevante deles é sem dúvida, a falta da participação dos ex-parceiros nas entrevistas, bem como dos filhos de casamentos anteriores e filhos em comum do casal. A razão de não terem sido incluidos foi a tentativa de se evitar uma generalização ainda

maior dos temas cobertos pela pesquisa, o que fatalmente ocorreria.

Esse é portanto, apenas um estudo inicial sobre o recasamento no Brasil, que poderá vir a servir de base para qualquer aprofundamento mais específico nas diversas áreas envolvidas.

A sociedade brasileira ainda não possui normas ou soluções para quaisquer dos problemas comentados nesse estudo. Quanto à definição de papéis, conforme Walker e Messinger (1979), não há nenhum grau de clareza quanto ao comportamento apropriado para os membros da família recasada, ou se o papel deve ser tomado ou conquistado.

Em vista disso, fica a liberdade de ser adotado o papel de madrasta/padrasto - marido/mulher mais apropriado para cada caso, pois fica confirmado aqui que o recasamento não é uma repetição do primeiro casamento. Ele é uma união com estrutura e dinâmica próprias, e que ainda tem um longo caminho a percorrer até te-las nitidamente definidas.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Berger, P. and Kellner, H. (1970) Marriage and the construction of reality in Dreitzel, H.P.(org.) Recent Sociology, The Macmillan Company, New York

Bertalanffy, L.V. (1977) Teoria geral dos sistemas, Vozes, Petrópolis

Ferreira, A.B.H. (1975) Novo dicionário da lingua portuguesa, Nova Fronteira, Rio de Janeiro

Jacobson, D.S. (1979) Stepfamilies: myths and realities, Social Work, vol. 24,3 202-208

Koestler, A. (1978) Jano, uma sinopse, Melhoramentos, São Paulo

Maldonado, M.T. (1986) Casamento: término e reconstrução, Vozes, Petrópolis

Messinger, L.; Walker, K.N.; Freeman, S.J.J. (1978) Preparation for remarriage following divorce: the use of group-techniques American Journal of Orthopsychiatry, vol. 48 (2), April

Sager, C.J.; Brown, H.; Crohn, H.; Engel, T.; Rodstein, E.; Walker, L. (1983) Treating the remarried family, Brunner Mazel, New York

Schulman, G.L. (1972) Myths that intrude on the adaptation of the stepfamily, Social Casework, vol.53, March

Revista Veja (1987) Começou o jogo, Editora Abril, nº 978, junho

Visher, E.B.; Visher, J.S. (1978) Common problems of stepparents and their spouses, American Journal of Orthopsychiatry, vol. 48 (2), April

Visher, E.B.; Visher, J.S. (1979) Stepfamilies: a guide to working with stepparents & stepchildren, Brunner/Mazel, New York

Wald, E. (1981) The remarried family, challenge and promise, Family Service Association of America, New York

Walker, K.N.; Messinger, L. (1979) Remarriage after divorce: dissolution and construction of family boundaries, Family Process, vol. 18, 185-192, June

Walker, K.N.; Rogers, J.; Messinger, L. (1977) Remarriage after divorce: a review, Social Casework, vol. 58, 276-285

Watzlawick, P.; Beavin, J.H.; Jackson, D.D. (1973) Pragmática da comunicação humana, Cultrix, São Paulo

Watzlawick, P.; Weakland, J.H.; Fisch, R. (1977) Mudança, Cultrix, São Paulo

7 - ANEXOS

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 01

ESTADO CIVIL: Casados (união consensual)

TEMPO DE UNIÃO: 07 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menina	5 Anos	*Menina	10 Anos	-	-
Menino	3 Anos				

*Mora com a mãe noutra cidade.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	39 Anos	34 Anos
ESCOLARIDADE:	2º Grau	Psicóloga
PROFISSÃO:	Empresário	Empresária
CRIOU-SE EM:	Rio de Janeiro	São Paulo
RELIGIÃO:	Católico n/prat.	Anglicana
PROFISSÃO DO PAI:	Administ. Empresa	Contador
PROFISSÃO DA MÃE:	Pintor/Decorador	Secretária
ESCOLARIDADE DO PAI:	2º Grau	2º Grau
ESCOLARIDADE DA MÃE	Belas Artes	2º Grau

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	27 Anos	26 Anos
IDADE DO CÔNJUGE:	24 Anos	38 Anos
ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE:	Univ.Turismo	Jornalista
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-Casa	2º Grau Tecn.
FILHOS:	1 filha	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO	03 Anos	06 Meses

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE	36 Anos	46 Anos
ESTADO CIVIL	Sep. consensual	Solteiro
PROFISSÃO:	Secretária	Jornalista

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 02

ESTADO CIVIL: Casados (civil)

TEMPO DE UNIÃO: 06 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menina	4 Anos	*Menina	8 Anos	-	-
Menino	3 Anos				

* Mora com a mãe noutra cidade.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	38 Anos	38 Anos
ESCOLARIDADE:	Eng. Civil	Letras
PROFISSÃO:	Empresário	Professora
CRIOU-SE EM:	Interior de SP	Interior de SP
RELIGIÃO:	Católica	Católica
PROFISSÃO DO PAI:	Comerciante	Construtor
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Escriturária
ESCOLARIDADE DO PAI:	2º Grau	Eng. Civil
ESCOLARIDADE DA MÃE:	2º Grau	1º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	2 irmãos, 5 irmãs	3 irmãs

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	27 Anos	-
IDADE DO CÔNJUGE:	24 Anos	-
ESCOLARIDADE:	Secret. Bilíngue	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Economista	-
PERÍODO DE DURAÇÃO:	3 Anos	-
FILHOS:	1 filha	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	2 Anos	-

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	35 Anos	-
ESTADO CIVIL:	Divorciada	-
PROFISSÃO:	Dona-de-casa	-

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 03

ESTADO CIVIL: Casados (união consensual)

TEMPO DE UNIÃO: 02 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menina	8 meses	-	-	*Menino	3 Anos

* Mora com o casal.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	27 Anos	30 Anos
ESCOLARIDADE:	1º Grau	Psicóloga
PROFISSÃO:	Corretor da Bolsa	Dona/casa
CRIOU-SE EM:	Interior de SP	São Paulo
RELIGIÃO:	Católica	Católica
PROFISSÃO DO PAI:	Usineiro de Cana	Fazendeiro
PROFISSÃO DA MÃE:	Gerente de Loja	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	Universitário	2º Grau
ESCOLARIDADE DA MÃE:	2º Grau	2º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	1 irmão	1 irmã
	1 irmã	2 irmãos

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	-	21 Anos
IDADE DO CÔNJUGE:	-	24 Anos
ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE:	-	Arquitetura
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	-	Arquiteto
PERÍODO DE DURAÇÃO:	-	7 Anos
FILHOS:	-	1 filho
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	-	1 ano e meio

DADOS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	-	33 Anos
PROFISSÃO:	-	Arquiteto
ESTADO CIVIL:	-	Desquitado

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 04

ESTADO CIVIL: Casados (união consensual)

TEMPO DE UNIÃO: 02 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
-	-	*Menino	9 Anos	-	-

* Mora com a mãe.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	45 Anos	31 Anos
ESCOLARIDADE:	Economista	Pós-Graduação
PROFISSÃO:	Comércio Ext.	Psicóloga
CRIOU-SE EM:	Pôrto Alegre	Interior/Rio
RELIGIÃO:	Católico	Católica
PROFISSÃO DO PAI:	Bancário	Comerciante
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona de casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	Contador	2º grau
ESCOLARIDADE DA MÃE:	1º Grau	Univ./imcomp.
IRMÃOS/IRMÃS:	4 irmãos 1 irmã	1 irmão 1 irmã

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	26 Anos	21 Anos
IDADE DO CÔNJUGE:	24 Anos	22 Anos
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Psicóloga	Músico
PERÍODO DE DURAÇÃO:	14 Anos	6 Anos
FILHOS:	1 filho	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	4 Anos	7 meses

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	43 Anos	32 Anos
PROFISSÃO:	Psicóloga	Músico
ESTADO CIVIL:	Desquitada	Desquitado

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 05

ESTADO CIVIL: Casados(civil)

TEMPO DE UNIÃO: 06 Anos(casados há 3 anos, 1 ano separados)

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
-	-	*Menina	15 Anos	-	-
		*Menina	14 Anos		

* Moram com o casal há 2 meses

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	40 Anos	32 Anos
ESCOLARIDADE:	Advogado	Admin. Empr.
PROFISSÃO:	Consultor	Dona/casa
CRIOU-SE EM:	São Paulo	R. Janeiro
RELIGIÃO:	Católica n/p.	Católica n/p.
PROFISSÃO DO PAI:	Contador	Bancário
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	Universitário	2º Grau
ESCOLARIDADE DA MÃE:	1º Grau	1º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	1 irmão	1 irmã

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	22 Anos	-
IDADE DO CÔNJUGE:	21 Anos	-
ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE:	1º Grau	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-casa	-
PERÍODO DE DURAÇÃO:	12 Anos	-
FILHOS:	2 filhas	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	1 Ano	-

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	39 Anos	-
PROFISSÃO:	Dona-de- asa	-
ESTADO CIVIL:	Divorciada	-

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 06

ESTADO CIVIL: Casados

TEMPO DE UNIÃO: 10 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menina	9 Anos	*Menina	14 Anos	-	-
Menino	1,10 meses	*Menino	13 Anos	-	-
		*Menino	12 Anos	-	-

*Moram com o casal há 10 anos.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	40 Anos	37 Anos
ESCOLARIDADE:	Adm. Empresas	Adm. Empresas
PROFISSÃO:	Ger. Vendas	Dona/casa
CRIOU-SE EM:	São Paulo	São Paulo
RELIGIÃO:	Católica n/p.	Católica
PROFISSÃO DO PAI:	Projetista	Industrial
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	2º Grau Técnico	Secundária
ESCOLARIDADE DA MÃE:	1º Grau	Primário inc.
IRMÃOS/IRMÃS:	-	1 irmão 3 irmãs (1 Adotiva)

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	24 Anos	-
IDADE DO CÔNJUGE:	23 Anos	-
ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE:	2º Grau	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-casa	-
PERÍODO DE DURAÇÃO:	5 Anos	-
FILHOS:	3 filhos	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	2 Anos	-

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	39 Anos	-
PROFISSÃO:	Empresária	-
ESTADO CIVIL:	Casada (união consensual)	-

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 07

ESTADO CIVIL: Casados(civil)

TEMPO DE UNIÃO: 13 Anos-10 casados oficialmente.

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menino	6 Anos	Menino	17 Anos	*Menino	16 Anos
		Menino	15 Anos		

* Mora com o casal.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	40 Anos	36 Anos
ESCOLARIDADE:	Economista	Medicina
PROFISSÃO:	Economista	Dona/casa
CRIOU-SE EM:	Rio de Janeiro	M. Gerais
RELIGIÃO:	Católica n/p.	Cat. n/p.
PROFISSÃO DO PAI:	Médico	2º Grau
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	Medicina	2º Grau
ESCOLARIDADE DA MÃE:	Conservatório	2º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	1 irmã mais velha	10 irmãos

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	21 Anos	
IDADE DO CÔNJUGE:	21 Anos	-
ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE:	Engenheira	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-casa	-
PERÍODO DE DURAÇÃO:	5 Anos	-
FILHOS	2 Meninos	1 Menino
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO	1 Ano	-

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	40 Anos	-
PROFISSÃO:	Comércio	-
ESTADO CIVIL:	Casada (união Consensual)	

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 08

ESTADO CIVIL: Casados(união consensual)

TEMPO DE UNIÃO: 2 Anos e meio

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
-	-	Menino	13 Anos	*Menina	13 Anos
		Menino	10 Anos	*Menina	08 Anos
		Menino	08 Anos		

* Moram com o casal.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	42 Anos	37 Anos
PROFISSÃO:	Adm. Empresa	Empresária
CRIOU-SE EM:	Interior de S. Paulo	São Paulo
CURSO SUPERIOR:	Economista	Letras
RELIGIÃO:	Batista	Cat. n/p.
PROFISSÃO DO PAI:	Fiscal Federal	Presidente Multinac.
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	Advocacia/Odonto.	Contab./Adm.
ESCOLARIDADE DA MÃE:	1º Grau	2º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	3 irmãs 1 irmão	1 irmão 2 irmãs

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	27 Anos	21 Anos
IDADE DO CÔNJUGE:	25 Anos	23 Anos
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-casa	Industrial
ESCOLARIDADE:	2º Grau	Eng. Elet.
PERÍODO DE DURAÇÃO:	12 Anos	13 Anos
FILHOS:	3 filhos	2 filhas
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	4 meses	4 meses

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	40 Anos	39 Anos
PROFISSÃO:	Dona-de-casa	Industrial
ESTADO CIVIL:	Desquitada	Casado

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 09

ESTADO CIVIL: Casados (por contrato)

TEMPO DE UNIÃO: 10 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menino	6 Anos	*Menino	14 Anos	-	-
		*Menino	12 Anos	-	-

*Moram com a mãe em outra cidade.

DADOS ATUAIS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	47 Anos	33 Anos
PROFISSÃO:	Médico	Dona de boutique
ESCOLARIDADE:	Medicina	Nutricion.
CRIOU-SE EM:	Minas Gerais	Minas/SP
RELIGIÃO:	Católica n/p.	Espírita
PROFISSÃO DO PAI:	Fazendeiro	A. Gráficas
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	1º Grau	Jornalismo
ESCOLARIDADE DA MÃE:	1º Grau	Enfermeira 1º Grau
IRMÃOS/IRMÃS	3 irmãs 2 irmãos	3 irmãs 2 irmãos

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	30 Anos	-
IDADE DO CÔNJUGE:	24 Anos	-
ESCOLARIDADE:	Advogada	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-casa	-
PERÍODO DE DURAÇÃO:	5 Anos	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	2 Anos	-

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	41 Anos	-
PROFISSÃO:	Advogada	-
ESTADO CIVIL:	Desquitada	-

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 10

ESTADO CIVIL: Casados(civil)

TEMPO DE UNIÃO: 15 Anos (8 de casados)

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
-	-	Rapaz	31 Anos	*Menino	19 Anos
		Rapaz	30 Anos	*Menina	18 Anos

*Moram com o casal.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	57 Anos	42 Anos
ESCOLARIDADE:	Piloto/(Fab)	2º G. téc.
PROFISSÃO:	Aeronauta	Sec. Exec.
CRIOU-SE EM:	Pôrto Alegre	São Paulo
RELIGIÃO:	Católico n/p.	Espírita
PROFISSÃO DO PAI:	Comerciante	Comerciante
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	-	2º Grau
ESCOLARIDADE DA MÃE:	-	1º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	1 irmã	1 irmão

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	24 Anos	20 Anos
IDADE DO CÔNJUGE:	20 Anos	37 Anos
ESCOLARIDADE:	Advogada	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Dona-de-casa	Oficial/Fab
PERÍODO DE DURAÇÃO:	17 Anos	4 Anos
FILHOS:	2 filhos	2 filhos
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	2 Anos	1 ano e meio

DADOS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	53 Anos	59 Anos
PROFISSÃO:	Advogada	Piloto
ESTADO CIVIL:	Divorciada	Casado-civil

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA Nº 11

ESTADO CIVIL: Separados há 1 ano. Eram casados por união consensual.

TEMPO DE UNIÃO: 06 Anos

FILHOS EM COMUM		FILHOS DE CASAMENTOS ANTERIORES			
		DELE		DELA	
SEXO	IDADE	SEXO	IDADE	SEXO	IDADE
Menino	5 Anos	*Menino	17 Anos	-	-
Menina	3 Anos	*Menino	13 Anos		

*Moram com a mãe.

DADOS DO CASAL	ELE	ELA
IDADE:	47 Anos	38 Anos
ESCOLARIDADE:	Artes Plásticas	Univ. inc.
PROFISSÃO:	Comerciante	Professora
CRIOU-SE EM:	São Paulo	São Paulo
RELIGIÃO:	Católica	Católica
PROFISSÃO DO PAI:	Comerciante	Insp. Fiscal
PROFISSÃO DA MÃE:	Dona-de-casa	Dona/casa
ESCOLARIDADE DO PAI:	-	Univ. inc.
ESCOLARIDADE DA MÃE:	-	1º Grau
IRMÃOS/IRMÃS:	Teve 9 (falecidos)	1 irmã

DADOS DO CASAMENTO ANTERIOR	DELE	DELA
IDADE:	29 Anos	-
IDADE DO CÔNJUGE:	29 Anos	-
ESCOLARIDADE DO CÔNJUGE:	Universitário	-
PROFISSÃO DO CÔNJUGE:	Artista Plástica	-
PERÍODO DE DURAÇÃO:	8 Anos	-
FILHOS:	2 filhos	-
TEMPO DE SEPARAÇÃO ATÉ O RECASAMENTO:	5 Anos (Porém já namoravam desde a sep.)	

DADOS ATUAIS DO EX-CÔNJUGE	DELE	DELA
IDADE:	47 Anos	-
PROFISSÃO:	Artista Plástica	-
ESTADO CIVIL:	Casada (união consensual)	

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Profa. Terezinha Féres Carneiro
Depto. Psicologia PUC/RJ

Profa. Monique Augras
Depto. Psicologia PUC/RJ

Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Depto. Psicologia PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro,

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas